

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Departamento de Medicina**

**Curso de Psicologia**



**Devir Oficial, Devir Cavalo de Turim, Devir Rastelo: tecendo uma experiência socioeducativa**

**Pelotas, 2018.**

**Andrea Basilio Dias**

**Devir Oficial, Devir Cavalo de Turim, Devir Rastelo: tecendo uma experiência  
socioeducativa**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado  
ao Curso de Psicologia da Universidade  
Federal de Pelotas, como requisito parcial à  
obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador: Édio Raniére**

**Pelotas, 2018**

Andrea Basilio Dias

**Devir Oficial, Devir Cavalo de Turim, Devir Rastelo: tecendo uma experiência socioeducativa**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia, Curso de Psicologia, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

.....

Orientador

.....

.....

## **Agradecimentos**

A Deus.

Aos que me precederam e deram condições de possibilidade para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus filhos, que me fazem querer continuar tecendo caminhos.

A querida Rose Mary Kerr de Barros que, tal como um farol, não deixou que eu me perdesse na bruma densa, nem que ficasse presa na lama.

Ao meu Orientador, por dividir seu conhecimento e sua experiência, nos fornecendo asas que permitiram nossos voos ousados, mas cuidando para que não nos aproximássemos demasiadamente do sol; pelo seu carinho, doçura e paciência infinita.

A Equipe das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto pela recepção amorosa e confiança nas propostas.

Aos meninos do Grupo Oficina de Ideias que serviram de inspiração e de ensinamento.

Ao Grupo “Vida que Vem” pelo apoio e pelas maravilhosas contribuições a este trabalho.

Aos meus colegas do Centro de Atenção Psicossocial Fragata, à Gerência de Saúde Mental da Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Pelotas, bem como aos usuários deste serviço de saúde, pelo apoio incondicional e pela compreensão que sempre demonstraram diante das limitações impostas pela dupla jornada que é estudar e trabalhar.

Gratidão!

*O homem é corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar. O grande do homem é ele ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento.*  
Nietzsche

DIAS, ANDREA BASILIO. Devir Oficial, Devir Cavalo de Turim, Devir Rastelo: tecendo uma experiência socioeducativa. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Psicologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2018.

## RESUMO

Esta escrita se compõe através de uma tecitura de tramas, linhas, fluxos de ideias, de imagens e de corpos durante uma experiência acadêmica no contexto socioeducativo, nos estágios curriculares do Curso de Psicologia da UFPEL. Os problemas que despontam são: Em que medida uma experiência pode ser enunciada, compreendida através escrita? Quais as condições de possibilidade para que as medidas socioeducativas possam responsabilizar o adolescente pelo ato infracional cometido? Acompanhando a estagiária pretendemos percorrer a ilha socioeducativa através dos agenciamentos entre a escrita acadêmica e a literatura. Para tanto se utiliza da Cartografia enquanto proposta metodológica e da Filosofia da Diferença enquanto referencial filosófico. Os autores que nos acompanham nesta aventura são Kafka, Deleuze, Guatarri, Nietzsche e Foucault. Surgem três devires para a análise no agenciamento entre a experiência acadêmica e o conto Na colônia Penal de Kafka: o devir Oficial, o devir Cavalo de Turim e o devir Rastelo. No primeiro capítulo é descrita a máquina socioeducativa, suas partes, engrenagens e sua operação com a mesma urgência que o oficial Kafkiano descreve o aparelho de punição ao explorador; o segundo capítulo acompanha o trajeto ficcional de um dos meninos acessados pelo CREAS através das Medidas Socioeducativas em meio aberto; O terceiro capítulo pretende tecer uma experiência de imersão acadêmica no contexto socioeducativo como instrumento de marcação nos corpos imputáveis do conto Kafkiano. É possível perceber durante o trajeto a constante tentativa de se dispor do porvir através da escrita e através da responsabilização. As seguintes questões permanecem: Somos capazes de transferir uma memória para a escritura? A maquinaria socioeducativa responsabiliza o adolescente pelo ato infracional? É possível dispor do porvir? Tendo como premissa que o devir não pode ser administrado, controlado, como prometer algo, seja ele tecer uma experiência através da escrita ou responsabilizar o adolescente pelo ato infracional cometido?

## Sumário

<b>1 – Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>2 – Problema .....</b>	<b>9</b>
<b>3 – Metodologia.....</b>	<b>12</b>
<b>4 – Devir Oficial.....</b>	<b>15</b>
<b>5 – Devir Cavalo de Turim ou sobre divagações de um cavalo a serviço de um charreteiro.....</b>	<b>22</b>
<b>6 – Devir rastelo ou como a máquina socioeducativa marca o corpo adolescente.....</b>	<b>28</b>
6.1 – Cena 1.....	28
6.2 – Cena 2.....	33
6.3 – Cena 3.....	37
6.4 – Cena 4.....	42
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>46</b>
<b>Referencias.....</b>	<b>47</b>

## 1 – Introdução

*“Escrever é tornar-se outra coisa que não escritor”*

*Gilles Deleuze*

Se dispor a escrever é uma aventura. Explora-se memórias não vividas; lugares são revisitados. Mas nem tudo são flores. Escrever pode levar por caminhos difíceis e tortuosos, especialmente se for conduzido pelo fio de Ariadne. Nos enforcamos neste fio<sup>10</sup>. Ficamos presos a formas, regras, modos de produção identitários que tendem a suprimir a singularidade na escrita. – Há de se ter todos a mesma linguagem para que nos entendamos – Determina o cientista. E então surgem os manuais e os protocolos. *“Mas então por que escreves?”* Você pode estar se perguntando; lhe respondo tal como Nietzsche (2012.p.111) responderia: *“Cá entre nós, meu caro, eu não descobri ainda outra maneira de me livrar de meus pensamentos.”* Mas há possibilidades de um *respiro* diante do sufocamento.

Sim. Existe: ao fazer da escrita um ato político, faz-se um exercício de resistência diante da massificação. *Derivar*, como propõe Costa (2017)<sup>11</sup>; olhar a escrita na perspectiva da psicologia da diferença, que a percebe como *“um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”* (DELEUZE, 2011.p.11).

Portanto leitor, você não está diante de um texto acadêmico<sup>12</sup> tradicional. Você é parte dele, pois acredito, tal como Calvino (2006.p.77), que quem quem dá alma<sup>13</sup> aos signos é o leitor, ao lado daquele que escreveu a obra, em um processo de invenção de si

10 Ariadne é quem segura o fio no labirinto, o fio da moralidade. Ariadne é a Aranha, a tarântula. Uma vez mais Nietzsche lança um apelo: *“Enforcai-vos com esse fio!”* (DELEUZE, 2011.p.132).

11 Pensar a escrita e a leitura enquanto gestos de resistência implica em não apenas responder aos ditames desses tempos-textos-mercadoria, mas em instaurar-lhes vacúolos de silêncio, zonas de dispersão e desvio que possam fazê-los tomar outros cursos, ex/cursionar. Uma política do Texto evoca, então, a dupla recusa: uma vigilância às formas e forças totalitárias da linguagem [que encontre fôlego e eco para seu insistente *não*]; uma operação de escrita e leitura que se instaure nestes vacúolos, que lhes ofereça corpo para que o sentido cumpra o que parece ser sua mais nobre função: derivar. (COSTA, 2017.p.18)

12 Na universidade ouve-se sistematicamente o rumor de uma besta cujo rosto ninguém conhece. Evocada à meia voz nos corredores, salas de aula, gabinetes e laboratórios, essa estranha criatura que atende por escrita acadêmica agiganta-se a cada gesto de receio diante do que se lê ou do que se escreve. Como em um desajeitado implante, a besta instala-se no corpo daqueles que dela participam, regulando-lhe os órgãos, humores e líquidos. Seus batimentos, assim como sua bÍlis e suas sinapses, passam a ser também expressões dessa alma acovardada e carregada de pudores, sadismos e meia voltas. (COSTA, 2017.p.35)

13 Alma como sinônimo de significado, sem conotação transcendental.



e de mundos: “ler é sempre isto: existe uma coisa que está ali, uma coisa feita de escrita, um objeto sólido, material, que não pode ser mudado; e por meio dele nos defrontamos com algo que não está presente, algo que faz parte do mundo imaterial, invisível, porque é apenas concebível, imaginável, ou porque existiu e não existe mais, porque é passado, perdido, inalcançável, na terra dos mortos...”; os escritos são os degraus para este limiar que todos os autores atravessam, assim como os leitores que tentam nos alcançar.

Assim, ponha mais lenha na lareira, sente-se confortavelmente, quem sabe, sirva-se de uma xícara de chá. O inverno é propício para leituras e os confortos à frente de uma lareira. Convido você a me acompanhar nesta exploração. Que seja tão prazeroso a você como o é para mim.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso pretendo tecer tramas, linhas, fluxos de ideias, de imagens e de corpos a partir da experiência da estagiária no encontro com a Socioeducação durante a vivência dos estágios curriculares do Curso de Psicologia da UFPEL. A estagiária percorre a ilha socioeducativa e você a acompanha, no mesmo sentido que o explorador Kafkiano é convidado a conhecer a máquina da Colonia Penal<sup>14</sup> Você reconhecerá o oficial, o condenado e o rastelo neste percurso.

## 2 – Problema

Você pode estar se questionando: Por que e para que uma pesquisa neste campo neste momento? Penso que a pergunta a ser feita é: Como surgiu no corpo da psicóloga em formação o desejo de trabalhar com o tema socioeducação?

Foram dois os espaços que proporcionaram que o desejo<sup>15</sup> surgisse: o grupo de pesquisa “*vida que vem*” Coordenado pelo Professor Dr Édio Raniére e os estágios curriculares desenvolvidos no Creas desde 2015. Foram dois anos: natural, portanto que meu desejo fosse capturado por esse tema na hora de pensar um trabalho acadêmico. No entanto, há outra força que vem maquinando<sup>16</sup> em mim este desejo: A percepção de uma

14 O conto Na Colonia Penal de Kafka foi escrito em 1914 e relata a experiência de um explorador que é convidado a conhecer um dispositivo de punição instalado em uma Colonia Penal, a qual passava por um processo de reestruturação de seus processos de funcionamento após a morte do comandante; um oficial adepto das antigas práticas de conduta lutava para manter as execuções que se davam através de uma máquina a qual gravava no corpo do condenado a sentença proferida. Assim, ação da lei era concentrada no corpo do executado pois “*o condenado só conhece sua sentença interrogando as chagas resultantes do suplício*” (CORREA, 2011)

15 Desejar na pesquisa é ser digno do acontecimento como efeito de uma experimentação problematizadora, perturbadora, desestabilizadora no acompanhamento dos processos de composição e decomposição de uma realidade ou matéria, aprendendo-a em seus índices imateriais e movimentos conectivos na produção do *socius* e dos modos de subjetivação. Desejar é um mergulho no caos para, nele e com ele, experimentarmos os compassos e descompassos na invenção de uma estrela dançarina (NEVES, 2015, p.71)

16 Maquinar é criação de sentido e construção de modos de existir.[...] é congênito a desejar no sentido que o desejo é aquilo que agencia, conecta e implica um conjunto mais amplo, enquanto o pensamento máquina e desdobra a paisagem de onde emergem eu, outro e mundo. Maquinar é criação de sentido e construção de modos de existir (SILVA, 2015,

vontade de imputar, implícita na discussão sobre a redução da maioria penal e que dá forma a teia socioeducativa desde a legislação até a execução das medidas. E mais: algo sobre controlar o que não está, o que Nietzsche (2009) introduz como dispor do porvir.

Explico: é possível perceber nas entrelinhas da política de atenção aos adolescentes em conflito com a Lei ao longo do último século um discurso latente sobre responsabilidade. Ranière (2014) faz um apanhado sobre a evolução das políticas desde o código de menores até o ECA e estabelece a relação entre modelo empreendedor vigente na sociedade brasileira e a invenção da socioeducação<sup>17</sup>. Seguindo esta trilha, pode-se afirmar que a Socioeducação vem sendo pautada pelo discurso empreendedorista, no qual se pretende moldar o adolescente de forma que o mesmo possa “*dar certo*”. Dar certo significa completar seus estudos, ingressar no mercado de trabalho, se tornar produtivo. No entanto, quais as chances, na prática, de se concretizar essa utopia correccional? E quando não é possível “*dar certo*”, imediatamente a sociedade lhe rotula de fracassado. O menino “*fracassa*”. É um vagabundo”. Não teve “*vontade*”.

No mesmo sentido, pode-se pensar na questão da responsabilização do adolescente pelo ato infracional pela ótica de Giacóia Jr (2012)<sup>18</sup> citado por Ranière em sua tese de doutorado em 2014. Responsabilizar, atribuir vontade ao sujeito da ação, é negar o contexto no qual o mesmo se insere, suas relações e os encontros aos quais está exposto; é negar as forças que o constituem. É afirmar o identitário (RANIÉRE, 2014).

Neste sentido, vamos juntos, leitor, ainda mais fundo; convido você a olhar para o abismo e adentrar no universo Nietzscheano: enveredamos pelo caminho traçado por

P.153)

17 No Brasil, a tradição da reforma, explicitamente aplicada no período de Mello Matos via Escolas de Reforma e Serviço de Atenção ao Menor, na ditadura militar via Fundação do Bem Estar do Menor, e durante a vigência do Código de Menores pela doutrina da situação irregular, adentra ao Estatuto da Criança e do Adolescente através da Educação Social. Ou seja, paradoxalmente, a Socioeducação, conceito oficial da educação bolchevique, será utilizada como abertura à utopia correccional, à reforma do ser humano. A entrada deste conceito no Estatuto da Criança e do Adolescente cria um novo possível em termos de reforma. O qual não estará mais determinado pela administração do tempo, passando a ser agenciado, também, pela identidade do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. Esta utopia correccional, longe de ter como modelo o homem socialista, apoia-se no mercado, no empreendedorismo, no protagonismo juvenil, na criação e conclusão de metas. Uma máquina de reformar infratores cujo funcionamento se dá pelo agenciamento da estranha adaptação de um conceito bolchevique com três grandes tecnologias do capitalismo mundial integrado: Responsabilidade, Identidade e Direitos Humanos. (RANIÉRE, 2014,p.183)

18 [...]sob quais condições podemos atribuir um ato ao seu agente? Em que sentido pode-se considerar um indivíduo o sujeito responsável por suas ações? Como pode ser racionalmente justificada a imputação, que pressupõe justamente a consistência da atribuição acima mencionada? Uma clássica resposta ao problema, a qual continua habitando ainda hoje o senso comum, seria atribuir ao sujeito uma origem, uma causa à ação. Dessa forma, o ato realizado pelo sujeito nada mais seria que um efeito de uma vontade, de uma escolha livre, de um querer do sujeito que age. A origem, portanto, do ato é o próprio sujeito e este, por ser livre ao praticá-lo, deve ser individualmente responsabilizado, e se necessário for juridicamente imputado pela ação. Dizendo de outra forma, este sujeito pode ser imputado, já que foi por vontade própria, por escolha própria, em plena liberdade, que agiu. Se sua ação é livre deve também responder, assumir toda responsabilidade por ela. Todo funcionamento deste pensamento está em atribuir ao sujeito a propriedade da liberdade e por consequência um tipo muito especial de causalidade: a vontade. (GIACÓIA Jr, 2012, p.37)

Nietzsche (2009) em *Genealogia da Moral*, no que se refere a questão da responsabilidade. Em primeiro lugar para que haja responsabilização por alguma coisa é preciso se comprometer com as ações futuras. Realizar a promessa de que algo possa ser concretizado ou não. E isso exige que se tenha uma ilusão de controle do que possa ou não acontecer. Mas como se pode prometer algo, dispor do Porvir?<sup>19</sup>

Pense bem: o homem foi obrigado a dar conta de um porvir que não lhe pertence e mais, se tornou então confiável, capaz de fazer promessas e responder por si. Ou seja, não roubarei, não matarei, trabalharei oito horas por dia e ainda estudarei no período noturno a fim de dar conta das necessidades que a sociedade impõe ou que passo a acreditar ser importante, a fim de que possa ser um membro honorável da mesma. Assim: “[...] com ajuda da moralidade do costume e da camisa de força social, o homem foi realmente ‘tornado’ confiável.” (NIETZSCHE, 2009,p.45).

Você acredita ser possível chegar a este estado? Posso responder tendo como premissa toda discussão anterior. Não. O devir não pode ser administrado, controlado. O devir é selvagem, bárbaro, indomável e, portanto, não pode ser gerenciado por mim. Me atrevo a afirmar que nem por você e muito menos pelas maquinarias socioeducativas. Neste sentido, questiono quais as condições de possibilidade para que as medidas socioeducativas possam responsabilizar o adolescente pelo ato infracional cometido de acordo com as determinações do SINASE<sup>20</sup>, se não há nenhuma garantia do porvir?

Ainda caminhando com Nietzsche podemos constatar que o homem precisou criar um tipo de memória. E como se deu a criação dessa memória? Através de sistemas dolorosos e cruéis: “*Grava-se algo a fogo, para que fique na memória; apenas o que não cessa de causar dor fica na memória*” (NIETZSCHE,2009,p.46). Como? A religião é um deles. O mais cruel segundo Nietzsche (2009,p.46). “*Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória [...]*” pois que criou os mais cruéis rituais e “[...] tudo isso tem origem naquele instinto que

19 [...] entre o primeiro “quero”, “farei”, e a verdadeira descarga da vontade, seu ato, todo um mundo de estranhas e novas coisas, circunstâncias, mesmos atos de vontade, pode ser resolutamente interposto, sem que assim se rompa esta longa cadeia do querer. Mas quanta coisa isto não pressupõe! Para poder dispor de tal modo do futuro, o quanto não precisou o homem aprender a distinguir o acontecimento casual do necessário, a pensar de maneira causal, a ver e antecipar a coisa distante como sendo presente, a estabelecer com segurança o fim e os meios para o fim, a calcular, contar, confiar – quanto para isso, não precisou antes tornar-se ele próprio confiável, constante, necessário, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si como porvir! (NIETZSCHE, 2009,p.44)

20 As Medidas Socioeducativas estão previstas pelo artigo 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e seu funcionamento regulamentado no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) que pode ser definido como: “o conjunto ordenado de princípios, regras e critérios, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolve desde o processo de apuração de ato infracional até a execução de medida socioeducativa. Esse sistema nacional inclui os sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todas as políticas, planos, e programas específicos de atenção a esse público.” (BRASIL, 2006.p.22)

*divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica.”*

Assim cada época, cada cultura, encontra um meio de disciplinar os costumes<sup>21</sup>. Este é o ponto, Leitor, o qual vinha perseguindo com toda essa peregrinação. O que quer a máquina socioeducativa do corpo adolescente? Qual a medida da responsabilidade: Dispor do Porvir? Dar vazão a vontade de imputar?

Eis que encontramos os problemas que tanto nos assombram.

## 2 – Método

*“Não está em questão o outro como um objeto de pesquisa. Mas é a própria cena que se cria entre pesquisador e pesquisado que será o objeto da pesquisa que, por sua vez, nunca será simétrico. O objeto nesse caso não é o pesquisado, nem o pesquisador mas é o pensamento pensando as condições de possibilidade de pensar essa cena de pesquisa.”*  
(GUARESCHI et al,2014 p.90)

Toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõe, que constituem sua paisagem ou concerto (Deleuze, 2011.p.12). O autor faz brotar na sua escritura, outras vozes, de outros tempos, pois que somos todos *Bricoleur*<sup>22</sup>. A escrita acadêmica, portanto, pode ser o resultado de vários acoplamentos e de corte de fluxos a partir de leituras, de métodos<sup>23</sup>, de olhares e de encontros aos quais nos tornamos disponíveis. No entanto, em que medida uma experiência pode ser enunciada, compreendida através escrita<sup>24</sup>?

---

21 Quanto pior de memória a humanidade, tanto mais terrível o aspecto de seus costumes; em especial a dureza das leis penais nos dá uma medida do esforço que lhe custou vencer o esquecimento e manter presentes, nesses escravos momentâneos do afeto e da cobiça, algumas elementares exigências do convívio social.(NIETZSCHE,2009,p.47)

22 [...]se tratando de um referencial bricolado à Filosofia da Diferença ou a Pesquisa-Intervenção, os procedimentos e mesmo os problemas mudam consideravelmente no transcurso do pesquisar. À medida que mergulha nas intensidades do platô pesquisado, o corpo do pesquisador torna-se seu instrumento técnico, pois se utiliza de alguns conceitos – teoria – a fim de operacionalizá-los em seus encontros-análises. Dessa forma, os procedimentos e os métodos e as próprias questões de partida, adotados para a realização da pesquisa, estão ligados a criação de elos, links, conexões entre o objeto pesquisado e o próprio pesquisador. Tal metodologia precisa ser suficientemente forte para suportar a constante territorialização e desterritorialização provocada pelos conceitos utilizados [...] este método seria a cartografia [...] o Bricoleur e o cartógrafo se misturam na antropofagia, ambos incorporam vidas e devolvem potências ao mundo. De ambos se espera que permaneçam atentos às linguagens que encontram, devorem as que lhes pareçam elementos possíveis para a composição das cartografias e bricolagens que se fazem necessárias. O Bricoleur e o cartógrafo são antes de tudo antropófagos. (MARASCHIN&RANIÉRE, 2017.p.42)

23 [...] em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todos os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes, há uma combinação de dois ou mais deles, usados concomitantemente.(MARCONI, 1996.P.28 *apud* MARASCHIN&RANIÉRE, 2017.p.43)

24 O que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estados de coisa, mas o acontecimento em seu devir escapa à história. A história não é a experimentação, ela é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa a história. Sem a história, a experimentação permaneceria indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica.[...] Há duas maneiras de considerar o

Primeiramente um começo, um disparador, aquilo de que Deleuze denomina de *percursor sombrio*, ou o raio resultante de dois potenciais que, ao se chocarem, produz uma ação. Verbo. Penso que o que estamos fazendo é Tecer. Estamos *TCCendo*. Busco em Deleuze (2011.p.133) a inspiração<sup>25</sup>, “*pois que cada escritor é obrigado a fabricar para si a sua língua*”. Rir, dançar, brincar: isto é afirmar. Tecer é afirmar. Tecendo torna-se leve o que um dia foi pesado; Tecer é dionisíaco. É ativo. É percorrer o labirinto sem fio condutor para que se possa encontrar toda a potência. Assim vou tecendo entre a experiência e a potência literária um caminho, uma trilha, algo que faça sentido. Para tanto, lanço mão dos fluxos literários que me atravessam. As vozes a que dou vazão são as de Calvino, Kafka, Nietzsche, Deleuze, Guatarri, Foucault. Estas vozes me ajudam a compor o mapa<sup>26</sup>, a paisagem, a qual me disponho cartografar. Este mapa me ajuda a explorar uma espécie de labirinto socioeducativo na cidade de Pelotas. Tal como Ariadne, busco tecer uma teia dionisíaca entre Devires<sup>27</sup>, acontecimentos, encontros, experiências e corpos. Para isso utilizo alguns personagens Kafkianos do conto Na Colonia Penal bem

---

acontecimento: uma consiste em passar ao longo do acontecimento, recolher dele sua efetuação na história, o condicionamento e o apodrecimento na história; outra consiste em remontar o acontecimento, em instalar-se nele como em um devir, em nele rejuvenescer e envelhecer a um só tempo, em passar por todos seus componentes ou singularidades. O devir não é história, a história designa somente o conjunto das condições por mais recentes que sejam, das quais desvia-se a fim de “devir”, isto é, criar algo novo. (DELEUZE, 1992.p.211)

25 Dionisio-touro é a afirmação pura e múltipla, a verdadeira afirmação, a vontade afirmativa; ele nada carrega, não se encarrega de nada, mas alivia tudo o que vive. Sabe fazer aquilo que o homem superior não sabe: rir, brincar, dançar, isto é, afirmar. Ele é o leve, que não se reconhece no homem[...] mas só [...] em outra coisa que não o homem (DELEUZE, 2001.p.133)

26 A cartografia pode ser comparada a um mapa, não determinando uma metodologia em si, mas propondo uma discussão metodológica que é atualizada na medida em que sujeito e objeto se encontram. O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência a ideia de “mapa”, contrapondo a topologia quantitativa, que categoriza o terreno de forma estática e extensa, uma de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado”(KIRST, GIACOMEL, RIBEIRO et al, 2003). A cartografia evidencia-se como um método que não está voltado a apreender o que está dado, o Um, o Mesmo; mas sim, o que insiste, o que está nas portas do presente forçando-o e pedindo passagem. Um método que não busca tal apreensão do presente como um ato de dominação – como a pretensão de recortar um segmento do mundo, congelado na definição de um objeto científico – mas como um ato de “captação”, como uma apreensão que se dá como luta e como núpcias, como um encontro no qual se trava uma batalha e/ou enlace amoroso, um devir a-paralelo no qual o cartografado e mundo disparam-se mutuamente para novas criações e movimentos. Assim o cartografado experimenta-se a si mesmo nos encontros que provoca e nos que lhe são impostos pelo campo. Não se trata porém de encontro de sujeitos e de objetos, e sim de experimentação de acoplamentos e singularidades, que se define como uma experimentação permanente de mobilidade de fronteiras (FONSECA, COSTA, MOEHLECHE et al, 2010). Deleuze e Guatarri (1995) quando instituem o Princípio da Cartografia e de Decalcomania em *Mil Platôs* referem que o “mapa” “[...] contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos [...] O mapa é aberto, é conectável em todas as dimensões, desmontável, reversível, suscetível, de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]” pois, ele faz parte do rizoma. Mas o que é o rizoma? Segundo o mesmo autor (1995), é a trama que envolve e conecta tudo e todos. Um sistema que cresce em multiplicidade e em dimensionalidade na medida em que aumenta suas conexões.

27 O Devir não se trata de atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população. (DELEUZE, 2011.p.11)

como um devir animal – O cavalo de Turim.

Com a mesma urgência que o oficial descreve o aparelho ao explorador, apresento máquina socioeducativa, suas partes, engrenagens e como ela opera. É esse o devir que pede passagem no primeiro capítulo; em seguida, o segundo devir – O Cavalo de Turim, dá conta do trajeto ficcional de um dos meninos acessados pelo Creas através das Medidas Socioeducativas em meio aberto. O terceiro Devir é o Rastelo, também instrumento de marcação nos corpos imputáveis do conto Kafkiano sob a perspectiva da estagiária de psicologia imersa no contexto socioeducativo.

Trata-se de tecer histórias sobre o encontro entre a estagiária, a equipe e os meninos. Cada um com uma história de vida. Histórias de vida em comum. Inicialmente questiono se são histórias diferentes: me parecem que as histórias se fundem no fluxo da vida. Já que a maquinaria que opera cada um desses corpos parece querer o mesmo de cada um. No entanto, percebo que não se trata do mesmo fluxo de vida que me atravessa. Algo nos coloca em planos diferentes; Explico: as máquinas que se acoplam ao corpo estagiária e da equipe são diferentes das que operam entre os meninos e noutro ritmo.

A universitária vem de uma família de classe média e reside em um bairro protegido por grades, alarmes e segurança privada; não costuma utilizar o transporte público para se deslocar até o trabalho ou a faculdade; estudou em uma escola pública de excelente qualidade. Mais: ela vem de um outro tempo, de uma outra geração; há tempos deixou a adolescência para trás, portanto, para ela, os meninos e suas experiências parecem todos iguais. A partir desta perspectiva, pode-se questionar: ela será capaz de capturar tais fluxos, fluxos de cada vida adolescente, ou apenas perceber o que essas máquinas querem nela?

No entanto, afinando o olhar, ajustando as lentes, são perceptíveis algumas singularidades e é deste material que se forma esta cartografia. Assim como um viajante que chega a uma estação de trem, em um vilarejo remoto, no qual tudo é novidade e envolto em sombras e brumas, me aproximo das memórias de uma experiência como estagiária nas medidas socioeducativas em meio aberto. Peço que você me acompanhe nesta jornada.

#### 4 – Devir oficial

Agora que você já ponderou todas as possibilidades de fugir desta ilha Socioeducativa e não avistou nenhum barco partindo para o continente ou nenhum monomotor estacionado na pista de decolagem empoeirada só lhe resta, caro leitor, acomodar-se o melhor possível para o que vem a seguir. Pois, tal como o oficial do conto Kafkiano será dispendido muitos parágrafos a fim de descrever a experiência da estagiária de psicologia frente ao funcionamento da máquina socioeducativa em meio aberto<sup>28</sup> que opera na cidade de Pelotas.

Pelotas é uma cidade-universitária localizada no sul do Rio Grande do Sul. Tem aproximadamente 500 mil habitantes que sobrevivem principalmente do comércio. Tem um grande potencial para o turismo, tanto da zona rural como o turismo histórico. Foi um dos polos importadores de escravos no séc XVIII devido a exploração do charque. Esta história, assim como ocorreu em outras colônias portuguesas, pode determinar uma herança maldita: uma alta concentração de renda numa pequena parcela da população; a grande maioria mora na periferia da cidade, é negra e sobrevive de trabalho informal.

Nada mais natural, portanto, que tenha seu código moral gerenciado pelos traficantes de drogas, os quais podem se configurar como os maiores empregadores de mão de obra adolescente nas periferias das cidades. E assim, caro leitor, chegamos ao ponto de partida. Ou seria de chegada? Surge o adolescente responsabilizado pelo ECA, o adolescente em conflito com a Lei. Não qualquer Lei, não a lei do traficante; pois esta não permite nenhuma possibilidade de confronto nem admite defesa; a pena imposta é a morte. E os meninos sabem. Na teia de fluxos que perpassam o corpo adolescente da periferia estão as duas leis: a lei do tráfico e a Lei do Estado. E é neste emaranhado de possibilidades que a estagiária de psicologia faz seu percurso e você agora terá a oportunidade de acompanhá-la:

---

28 As Medidas Socioeducativas (MSE) podem ser duas: meio aberto ou fechado; nos interessa em especial como se dá sua operação em meio aberto. Estão vinculadas a dois sistemas legais: Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e Sistema Nacional Socioeducativo (SINASE). As Medidas Socioeducativas estão previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu capítulo IV, Seção V, artigo 118 e 119, em sua seção IV, artigo 117 e no SINASE; podem ser cumpridas, de acordo com determinação judicial, em meio aberto – Liberdade Assistida (LA), Prestação de Serviços a Comunidade (PSC) - e Internação em meio fechado ou semiliberdade, cuja responsabilidade é estadual. O ECA estipula, ao todo, seis medidas socioeducativas, sendo elas: advertência; obrigação de reparar dano; prestação de serviços à comunidade (PSC); liberdade assistida (LA); inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional (BRASIL, 1990).

– Bom dia Sr Carlos. Hoje tem grupo de recepção para os meninos e suas famílias que estão chegando pela primeira vez ao CREAS<sup>29</sup> após a notificação judicial não é mesmo? O sr. se importaria se eu participasse? – Questiona a estagiária de psicologia ao pedagogo da equipe<sup>30</sup> das MSE do CREAS.

– Claro que podes participar! Estou arrumando a sala. Estão sendo esperados dez jovens e seus respectivos pais.

A sala a qual o pedagogo fez referência se localiza no fundo do prédio situado em um bairro da periferia. Para que você possa entrar, alguém precisa abrir a porta com grades. Você precisa ser reconhecido como alguém que faz parte deste contexto. Há alguns perigos que precisam ficar do lado de fora. A equipe tem medo. Medo da violência que adentra o recinto acompanhando cada adolescente. É preciso se proteger e proteger o menino que ali chega. É um meio aberto com grades. – Aberto para quem? Você pode se perguntar.

O menino que chega ali pode sair quando quiser – responde a estagiária a qual você está acompanhando – diferente de um sistema fechado no qual ele precisa cumprir um tempo de internação determinado judicialmente. – Mas – você pode estar questionando – Como pode prender um menino, protegido pelo ECA como inimputável, responsabilizá-lo pelos seus atos? A estagiária responderia: - Pela mesma legislação que o define como inimputável. Sim. Não fique espantado. Vou esclarecer este ponto antes de seguirmos adiante pois creio que uma nota de rodapé não daria conta de uma questão aparentemente tão controversa.

Segundo o art. 104 do ECA (1990), dos doze aos dezoito anos esses meninos são inimputáveis. Mas isso não significa que não possam ser responsabilizados por seus atos quando entram em conflito com a lei. É justamente neste ponto que lhe convido a aprofundar a questão. Ao cometer um ato infracional, o adolescente é detido e responde a um processo legal, com direito a advogado, promotor e juiz. Mesmo sendo considerado inimputável pelo ECA deve ser responsabilizado pelo ato infracional que cometeu. No entanto, por se tratar de um processo judicial, sofre da mesma morosidade que acomete

---

29 O CREAS (Centro Especializado de Assistência Social) é uma unidade pública estatal responsável pela oferta de orientação e apoio especializados e continuados a indivíduos e famílias com seus direitos violados; as Medidas Socioeducativas em meio aberto, portanto, estão vinculadas ao CREAS, devido a grande vulnerabilidade a que estão expostos esses adolescentes (MDS, 2015).

30 Para que o trabalho seja realizado com qualidade e de maneira individualizada para os adolescentes e suas famílias, a composição de equipe deve estar em consonância com a legislação vigente. O Plano Municipal sugere as composições de equipe estabelecidas no SINASE (2012); no entanto, na prática, a equipe é composta por um 01 Supervisor; 01 Psicóloga; 02 Assistentes Sociais; 01 Pedagogo; 02 Educadores Sociais; 01 Serviço Geral; 01 Oficial Administrativo. O plano municipal ainda prevê um advogado e um sociólogo.



todo o sistema judiciário brasileiro, ou seja, ele pode chegar às medidas socioeducativas sem entender ou lembrar qual foi o delito que cometeu, embora o mesmo tenha ficado registrado nos autos do processo. Há uma lacuna espaço temporal entre o ato infracional e a tentativa de responsabilização do adolescente. Como se esta lacuna por si só não bastasse para questionarmos a capacidade de responsabilização do adolescente pelo sistema socioeducativo ainda questionamos: É possível atribuir responsabilidade?

Será que podemos pensar, então, que a aplicação de Medidas Socioeducativas tem como objetivo disciplinar os costumes? Docilizar os corpos<sup>31</sup>? Para Nietzsche (2009), imputar surge como uma ação em uma sociedade que necessita de regulação dos atos, pois que o indivíduo não pode ser livre. O mesmo autor afirma que a vontade de imputar de uma sociedade está diretamente relacionada ao grau de evolução moral da mesma. Uma sociedade evoluída não necessitaria de punições ou responsabilizações<sup>32</sup>. Ou seja, quanto mais uma comunidade é capaz de dar conta das necessidades e potencialidades daqueles que a constituem, menos se abala com os atos subversivos de alguns de seus integrantes, pois que seus atos já não parecem ser tão perigosos e subversivos. Isto inverte a lógica de quanto mais se pune menos crimes são cometidos. Pelo contrário: quanto mais potente a sociedade menos necessidade de punição ela solicita.

Diretamente proporcional a potência da comunidade está a proteção do desviante, sob o qual se observa um esforço coletivo de proteção da cólera direta devido as suas infrações ao código estabelecido de conduta. Aparece nestes casos um esforço de *“considerar toda a infração resgatável de algum modo, e assim isolar, ao menos em certa medida, o criminoso de seu ato.”* (NIETZSCHE, 2009.p.56). Esta conduta social, segundo o mesmo autor, marca cada vez mais potência do direito penal em uma sociedade.

Nesse momento, posso ouvir a sua indignação, caro Leitor, e seus brados ecoam no espaço que nos distancia: - Mas o que estás dizendo? Devemos deixar sem nenhum tipo de punição a esses meninos, no mínimo, “sem noção de responsabilidade”, os quais saem pelas ruas a assaltar, matar, violar? E isso que você quer?

Talvez eu ainda não tenha alcançado a capacidade de me fazer entender: O que

---

31 É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. (FOUCAULT, 2013.p.132)

32 Se crescem o poder e a consciência de si de uma comunidade, torna-se mais suave o direito penal; se há enfraquecimento dessa comunidade, e ela corre grave perigo, formas mais duras desse direito voltam a se manifestar. O ‘credor’ se torna sempre mais humano, na medida em que se torna mais rico; e o quanto de injúria ele pode suportar sem sofrer é, por fim, a própria medida de sua riqueza. Não é inconcebível uma sociedade com tal consciência de poder que se permitisse o seu mais nobre luxo: deixar impunes seus ofensores. [...] A justiça, que iniciou com ‘tudo é resgatável, tudo tem que ser pago’, termina por fazer vista grossa e deixar escapar os insolventes – termina como toda a coisa boa sobre a terra, suprimindo a si mesma.(NIETZSCHE, 2009,p.57)

estou tentando afirmar é que em primeiro lugar essa legislação que se diz protetora dos direitos da Criança e do Adolescente e visa não punir, não responsabilizar quando estabelece a inimputabilidade, na verdade pune e responsabiliza duplamente o adolescente na medida em que estabelece a garantia de direitos a esses cidadãos e não a cumpre, seja por questões históricas de dominação pelos meios de produção ou por ser ainda incapaz de *“deixar impunes seus ofensores”* (NIETZSCHE, 2009.p.57); da mesma forma, os considera inimputáveis e os responsabiliza impondo medidas que visam inseri-los em uma sociedade excludente e profundamente arraigada a valores morais impositivos de conduta. A própria legislação, pelo seu viés empreendedorista, determina que esses meninos precisam voltar a escola, precisam de um curso profissionalizante, precisam se encaixar no modelo vigente. E quando isso não é possível?

Deixe-me levantar a questão de forma mais abrangente. Já conversamos sobre as questões históricas que compõe o cenário socioeducativo na cidade de Pelotas e chegamos a conclusão que não é diferente de outras cidades brasileiras. Está diretamente ligada a constituição da história do Brasil. Da mesma forma, já podemos perceber que a legislação busca responsabilizar pelo ato infracional e enquadrar o jovem ao modelo empreendedorista. Neste contexto a educação não pode ficar de fora da discussão.

Você gosta de números Leitor? Posso mostrar alguns sobre a escolarização destes meninos: no município de Pelotas passaram pelas medidas socioeducativas em meio aberto no ano de 2013 um total de 204 adolescentes e jovens, destes 14 na faixa etária de 12 a 14 anos, 149 de 15 a 18 anos, e 22 de 19 a 21 anos. Observou-se que a maioria dos adolescentes chega ao CREAS para o cumprimento das medidas em condição de baixa escolaridade ou evasão escolar, destes 44% estão fora da escola, 26% com Ensino Fundamental Incompleto e não alfabetizados em torno de 1% (PELOTAS, 2014). Os motivos apresentados pelos adolescentes da infrequência escolar são, de modo geral, relacionados a fatores que os levam a dar uma resposta, em um primeiro momento evasiva como, por exemplo: *“ah.., parei de ir... ou não dá mais tempo..., vai demorar..., não gosto de estudar... e agora tenho que trabalhar.. fico muito cansado... é muita coisa....”* (PELOTAS, 2014).

Essas falas concordam com os dados do PNUD (2013), no qual se confirma que o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Além disso, o mesmo documento revela ainda que o Brasil tem a menor média de anos de estudo entre os países da América do Sul com a

escolaridade do brasileiro, em média, de 7,2 anos.

Você pode achar que estou lhe arremessando tijolos, na verdade, são acoplamentos de engrenagens, e o funcionamento da máquina se dá na articulação das mesmas; e sim, umas são mais pesadas do que outras, leitor, mas é a partir desses acoplamentos que poderemos entender o funcionamento da máquina socioeducativa.

Já vimos que, pela perspectiva empreendedorista, a principal orientação é que os meninos voltem a escola. Permeia toda política socioeducativa a crença de que todos tem uma escolha e que, se não estão estudando, é porque não querem. Esse tipo de análise se torna rasa ao pensarmos nas características socioeconômicas identificadas nesta população: a renda de 37% das famílias atendidas corresponde até um salário-mínimo, 25% de um a dois salários-mínimos e 13% de dois a três salários-mínimos (PELOTAS, 2014).

Como estudar, e só estudar, quando o menino necessita ajudar a família no seu sustento? Quando há uma sedução do capital e do consumo, em mídias cada vez mais direcionadas ao público jovem? Sem falar no tráfico e consumo de drogas ilícitas, as quais constituem um poder paralelo, capaz de aliciar os jovens precocemente para suas frentes de trabalho. Esses fatores podem aprofundar a relação do adolescente com o mundo do crime, colocando-o em situação de vulnerabilidade frente a violência; e, de novo, os números corroboram a afirmação anterior: em um estudo conduzido em 2013 por Waiselfiz (2015) demonstra que neste ano, do total de mortes entre adolescentes de 16 anos no Brasil, 43,1% teve como causa o homicídio.

Se fizermos uma rápida consulta aos dados do SIM – Sistema de Informação de Mortalidade (DATASUS, 2017) é possível constatar que, no ano de 2015, houve 9.655 homicídios envolvendo adolescentes como vítimas, na faixa etária dos 10 aos 19 anos. São números assustadores que dão uma pista sobre a ineficiência do modelo vigente. Algo está muito errado na nossa sociedade.

Os meninos do tráfico não envelhecem. Não veem seus filhos crescerem. Outros acabam no sistema carcerário. Oneram o Estado que não deu conta de lhes garantir direitos fundamentais. O mesmo Estado que vez por outra flerta com a possibilidade de reduzir a maioridade penal. Presídios superlotados não tem condições de reabilitar o contraventor e é de senso comum que a população carcerária no Brasil excede a capacidade de abrigamento dos presídios disponíveis no território nacional.

E agora Leitor, espero que seja a minha voz que esteja ecoando no espaço que nos distancia: Não se trata de um contrassenso querer que o sistema prisional, a

responsabilização, enfim, todas as maquinarias disponíveis da sociedade a fim de criar memória nos corpos, docilizá-los, deem conta de tudo que discutimos até aqui? Eu ainda não tenho uma resposta. Quem sabe perscrutamos a experiência da estagiária da psicologia no grupo de acolhimento do CREAS para tentar vislumbrar alguma saída desse que agora mais parece um labirinto do que um caminho. Mas que bobagem: um labirinto também é um caminho, mais longo e sinuoso. Sejamos corajosos mais uma vez!

A campanha começa a tocar e o fluxo de pessoas enche o ambiente de ruídos, falas e choro de criança. A sala de espera lota e lembra a estagiária e ao restante da equipe que está na hora do show. A recepcionista encaminha as pessoas ao salão no qual se dará o grupo. Nesse momento a estagiária não consegue distinguir, nos meninos, qual é a medida imposta: quem é LA<sup>33</sup> e quem é PSC<sup>34</sup>? Ela busca alguma “marca” em seus corpos que os diferencie; não percebe nada que chame a atenção. Mas de alguma forma as marcas estão ali. São pessoas de uma classe social diferente da dela; Têm aquele aspecto desgastado que a dureza da vida confere. A maioria é negra; as mães parecem jovens para filhos adolescentes; poucos pais presentes. Uma avó. Uma esposa com um bebê de poucos meses. Parecem olhar de um jeito desconfiado, de canto de olho, característico daqueles que driblam o olhar do Estado, personificado pelos funcionários do governo.

A estagiária acompanha o fluxo de pessoas em direção a salão onde a equipe as aguarda. Todos são acomodados em semicírculo. O Pedagogo está posicionado a frente do grupo, dando as boas vindas aqueles que ali chegam pela primeira vez. Todos já eram, de alguma forma, acessados pelo CRAS do seu território. Seja para acessar direitos, seja para serem cobrados de seus deveres como cidadãos. No entanto, o CREAS é diferente por se tratar de uma instância de média complexidade do SUAS. Os casos que ali chegam estão relacionados a uma grave falha na garantia de direitos. São acessados pelo CREAS famílias, idosos, crianças e mulheres que sofrem algum tipo de violência ou

---

33 Prestação de Serviços Comunitários (PSC) consiste na realização de tarefas gratuitas de interesses geral, por período não excedente há seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais.

Parágrafo Único – As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a frequência à escola ou à jornada normal de trabalho. (ECA, 1990)

34 A Liberdade Assistida (LA) será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente. A liberdade assistida é fixada por, pelo menos, seis meses, podendo o prazo ser alargado, sendo possível a sua substituição ou a sua revogação. Tais características estão configuradas no § 2o, do art. 118, do ECA: “A liberdade assistida será fixada pelo prazo mínimo de seis meses, podendo a qualquer tempo ser prorrogada, revogada ou substituída por outra medida, ouvido o orientador, o Ministério Público e o defensor.” (ECA, 1990)

que se encontram em alguma situação de vulnerabilidade social. É um lugar diferente, que eles não estão acostumados; estão atentos.

– Sejam todos bem-vindos! Meu nome é Carlos, sou pedagogo da equipe. A minha direita estão Lúcia e Luíza, assistentes sociais, e a esquerda está a psicóloga Marta e a estagiária de psicologia Ariadne. Somos a equipe que os assistirá durante o período em que os meninos estiverem em cumprimento de medida. Hoje vou explicar a vocês o funcionamento do serviço e a composição da equipe. Vocês também terão a oportunidade de sanar as dúvidas que tenham em relação as medidas. Agora gostaria que cada um de vocês se apresentassem. Não é necessário expor o ato infracional; nome e idade serão suficientes.

Após a apresentação sucinta, conforme fora solicitado, o Pedagogo começa a explicar, de forma clara e tranquila, sobre a legislação. Seu método é expositivo dialogado e usa como recurso alguns *banners* plastificados presos a um cavalete. Inicia pela legislação que institui e regulamenta as medidas socioeducativas: ECA e SINASE, dissecando o art. 117 e 118 do ECA. Expõe o SINASE e de que forma regulamenta e aciona a máquina socioeducativa. Em seguida esclarece:

– Vocês a partir de agora estão mais expostos. Isso quer dizer que, se forem reincidentes, poderão progredir na medida. Isso significa passar do meio aberto para a FASE, a unidade de internação. No meio aberto vocês podem voltar para casa. Lá, ficarão presos. Seria interessante que, a partir de hoje, evitassem a madrugada fora de casa e que mantivessem distância daqueles amigos que não tem um bom comportamento.

A estagiária observa e escuta. A cada palavra, a postura dos meninos é de deboche. Não parece provável que seguirão as recomendações do Pedagogo. Os familiares parecem entediados com a palestra. O bebê chora. No término do grupo cada menino recebe uma carteirinha com seu nome e com as datas de retorno para a primeira entrevista individual com uma das assistentes sociais. É oferecido um lanche: bolachas e suco artificial. Todos estão dispensados.

– O sr acredita mesmo que eles não sairão a noite? – questiona a estagiária – Não pareciam assustados com a perspectiva de internação na FASE.

– E não estavam – concorda o pedagogo. – A FASE é uma espécie de iniciação para alguns meninos. Ter passado por internação confere um certo tipo de status entre eles, especialmente se estiverem sendo agenciados pelo tráfico de drogas. Vocês acreditam que algumas meninas ficam nas proximidades do presídio para olhar marginal tomando sol? Só piora...

A estagiária estava pensativa. Lembrou da menina com o bebê; do carinho com que o menino a tratava e o cuidado dispendido à criança. Ele tem 14 anos. Ela 15. Ele trabalha para sustentar a família; Faz fretes com uma charrete. Não sabe escrever seu nome. Ela cuida da casa e do filho. Ambos não estudam. Ele realizou alguns furtos até que, por influência de amigos mais velhos, praticou um assalto utilizando um simulacro (arma de brinquedo). O celular roubado foi vendido para um receptor e, com o dinheiro na mão, comprou uma corrente de prata, provavelmente resultado de outro furto. Outro símbolo de status. Cantores de *RAP* usam correntes assim, de ouro. Traficantes também.

A estagiária lembra de suas leituras no grupo de pesquisa. Máquinas desejanter<sup>35</sup>. Quando se pensa fugir do que é posto ou imposto? Pois que ao fugir do Estado, é jogado em outras malhas que o aprisionam. Estar vivo é se dispor a capturas e acoplamentos. Nada escapa desse eterno desterritorializar e reterritorializar. Não se trata de suprir algo que falta: O consumo lança suas garras em todos os lugares; se há desejo, há consumo. Alimentado o desejo, acoplado uma máquina e *voilà!* Temos desejo, temos consumo.

## **5 – Devir O Cavalo de Turim<sup>36</sup> ou sobre divagações de um cavalo a serviço de um charreteiro**

Quando nasci, o tombo do ventre de minha mãe me despertou para a vida. Não seria uma vida fácil, o nascimento me proporcionou uma prévia sobre o que me aguardava. O tempo passou e hoje me encontro a serviço de uma família na periferia da cidade. Puxo uma charrete pelas ruas. Meu condutor não tem habilitação para conduzir. No entanto, sempre foi cuidadoso com o meu bem-estar, nunca colocou um peso que eu não pudesse puxar. Raramente me apura, e sempre houve pasto verde na minha baía. Era um cavalo feliz.

Agora tudo mudou desde que seu filhote nasceu. Acompanhei esta história bem de

35 Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. Nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto. É o sujeito, sobretudo, que falta ao desejo, ou é ao desejo que falta sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão. O desejo e o seu objeto constituem uma só e a mesma coisa: a máquina, enquanto máquina de máquina. O desejo é máquina, o objeto do desejo é também máquina conectada, de modo que o produto é extraído do produzir e algo se destaca do produzir passando ao produto e dando um resto ao sujeito nômade e vagabundo. (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 43)

36 O cavalo de Turim. “*A Torinói Ló*”. O filme é uma recriação do que teria ocorrido com um cavalo após ter sido salvo da tortura pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche durante uma viagem a Turim, na Itália. O animal de um fazendeiro se recusava a comer e a andar e por isso seria alvo de crueldade. Março de 2011 (Hungria) Direção: Béla Tarr

perto: afinal conduzo meu dono a todos os lugares desde que ele tinha 8 anos. Por esta idade desistiu de ir a escola. Dia sim, dia não, ele saía antes do horário; algumas vezes porque não havia professores; outras vezes estava com sono, com fome e com frio; dia de chuva, dia de sol. Havia conseguido vaga em uma escola no centro da cidade. Para chegar até lá, precisava caminhar 2 km. A merenda nem sempre era servida de modo que ficava em jejum até a volta para casa. A única coisa que parecia fazê-lo sorrir era Rosalinda. Menina linda, olhos enormes e brilhantes, forte e contente. Usava os cabelos presos em várias tranças. Gostava de estudar e queria ser médica, enquanto que a professora de Perseu não conseguia ensiná-lo a escrever e a ler.

Ainda lembro da primeira vez que ouvi sua voz; naquela época eu era magro, não era bem tratado, não tinha uma baia. Parece que era minha sina ser moeda de troca; fui o pagamento de uma dívida para meu antigo dono.

– Este é o bicho Perseu. É seu, se você entregar o pacote. – Propõe meu antigo dono ao menino de oito anos – Não dá pra vacilar.

– Não vacilo, não senhor. Já entendi a parada: pego o pacote com o seu Jorge e levo até o biruta, lá no porto.- Responde Perseu.

– É isso aí. E bico calado. Agilidade na parada; tem que ser hoje. Você retorna com o dinheiro e eu te entrego o cavalo. Fim de papo.

A noite, meu novo dono me levou para sua casa. No caminho, inicia um diálogo, no qual os relinchos ora significavam sim, ora não, sem que eu pudesse decidir sobre um ou outro:

– Preciso achar um lugar para você! Vou catar algumas tábuas amanhã mesmo e vou erguer uma baia. Tem bastante pasto no campo atrás da casa da vó; vou cuidar de você. Assim que organizar o seu lugar, preciso de uma charrete. Vou dar meus pulos. Seu nome vai ser bem legal. A professora dizia que nas antigas tinha um cara com o meu nome que matou uma besta e do sangue dela saiu um cavalo: Pégasus. Seu nome vai ser este.

E assim foi. Dois anos depois eu já estava com a charrete acoplada; fazíamos alguns fretes no bairro, a princípio; também catávamos papelão, garrafas pets, essas coisas que a cooperativa de reciclagem compra.

No ano passado, ele fez 13anos. Muita coisa mudou. Fez novas amizades. A avó começou a brigar muito com ele; ele sempre saía de casa gritando que agora era um homem, que sustentava a casa. Começou a pôr na boca umas coisas fedorentas e a soltar fumaça. Principalmente quando saía a noite com os amigos. Nestes momentos ele

queria que eu andasse mais rápido.

– Anda Pégasus! Precisamos ainda pegar o Luiz! A galera já está na Gonçalves!

Ao passar na frente da casa de Luiz, o mesmo já nos esperava. Subiu na charrete já fumaceando. Logo os dois iniciam a conversa:

– Luiz tu tá ligado que antes da festa a gente precisa levantar uns bagulho pra entregar pro porteiro. – Perseu esclarece – Vai ser divertido. A gente faz de conta que tá com ferro em baixo da roupa e os manés que estão saindo da faculdade entregam tudo que tem. A gente pega o que dá, mas principalmente o celular. É o que o porteiro da festa pega. Depois lá dentro a gente pega os celulares sem que o dono perceba e dá pro barman. Daí a bebida tá liberada.

– Parece fácil – responde Luiz. E era. Porque, na hora de voltar para casa, vários cheiros se confundiam, e era eu que conduzia meu dono. Subir na charrete parecia um desafio. Ao chegar em casa, ouvia os gritos da avó reclamando que tinha ficado esperando ele voltar, que precisava trabalhar no outro dia. Descia cambaleante, me desencilhava e eu já sabia que devia ir para a baía sozinho. Ele mal conseguia entrar em casa.

Mas a rotina de passar pela escola no final da aula se mantinha; assim como o interesse pela menina de cabelos trançados e olhos grandes. As vezes a levávamos até em casa. Havia se tornado uma moça linda; e ficava esperando que nós passássemos em frente a escola. O que se tornou um hábito.

Certa tarde a ouvi convidando Perseu para entrar em casa. Foi uma tarde longa. Ele esqueceu que eu estava no sol. Que não tinha água disponível por perto; mas fiquei esperando. Anoteceu. E com a noite meu dono sai da casa. Sobe na carroça em um pulo. Assobia uma música por todo o caminho de volta. Está visivelmente feliz. Essas tardes se repetiram; muitas vezes... Até que em uma tarde alguma coisa deu errado: o padrasto da menina chegou mais cedo do trabalho. E com ameaças de morte e tiros para o alto, Perseu sobe na carroça e me chicoteia pela primeira vez... Foi extremamente doloroso e sem necessidade. Corri como se não houvesse nada a minha frente. Quando dei por mim estava em um outro ponto distante, um local que não reconheço e que não saberia voltar para casa. Senti cheiro de ferro...sangue. Perseu estava ferido. O tiro pegou de raspão. Aquela fora a última vez que ele passou na frente da escola.

As noites voltaram a sua rotina: menino saía quando anoitecia e voltava de madrugada. Certa noite ele não voltou; na saída da festa vários carros com luzes piscantes e barulhentas. Homens gritando. Fiquei muito assustado, mas não podia fugir,



estava amarrado. De repente vi um homem empurrar Perseu para dentro de um dos carros barulhentos. E foi Luiz e um outro menino quem me levou para casa. – Baita vacilo do Perseu. Pegaram ele com dois celulares e a maconha. Vai passar a noite com os porcos. - comenta o menino. – Vamos levar a charrete para casa e avisar a avó dele. Essa parte vai ser dureza. A velha vai ter que buscar o cara na delegacia. Não sei o que é pior: encarar os porcos ou a avó. – Avisa Luiz.

Na manhã seguinte, quem me alimenta e prepara para sair é a avó. Não emite uma palavra durante o caminho. Não sei que ruas são essas: nunca havia passado por aqui com Perseu. Logo, reconheço os carros barulhentos e cheios de luzes da noite passada. Ela me deixa e, algum tempo depois retorna com meu dono. – Que papelão hein, seu moço? Repreende a avó – Quero só ver sua cara diante da promotora. Sua sorte é que é de menor: se não já ficaria preso mesmo, desde hoje. Vê se toma jeito nessa vida e para de me dar preocupação.

– Calma vó. Não vai dar nada. – Tenta minimizar Perseu – Tinham outros caras lá comigo, na delegacia, que já passaram por isso antes; eles dizem que não dá nada: é ir lá na juíza, ela dá um esporro, e mandam a gente para cumprir medida. Disseram que pode demorar um tempão pra chamarem a gente depois.

No entanto, o tempo passa e o tal encontro com a promotora não acontece. Seguimos fazendo nossas atividades, numa noite, ao chegar em casa, havia mais alguém com a avó: Rosalinda. Ela tinha trazido suas roupas; seu padrasto a expulsou de casa; estava grávida. Não tinha para onde ir. Naquele momento pude ver o sorriso e o medo no olhar de Perseu - Essa menina diz que o filho é seu. É verdade? – Questiona a avó, já imaginando que terá de tomar conta de mais duas crianças: a mãe e o bebê.

– Sim. Pode ser meu. É meu Rose? – Questiona Perseu confuso. – É seu. Claro. Nasce em três meses.

Era estranho ver o menino agora, acompanhado daquela menina barriguda. Ela tentava ajudá-lo catando papelão e nos fretes quando possível. Mas a barriga atrapalhava. As noites de festa se tornaram raras e acabaram quando o filhote nasceu. Lembro bem daquela manhã: a correria, o choro da menina, o medo. Sabe, o medo tem cheiro. É um cheiro azedo que irrita. Nos deixa sem sossego e desconfiados.

– Calma Rose, já vamos chegar! – Perseu tenta acalmá-la. Mas sua voz tem um tom desesperado. Para muitas vezes durante o trajeto e, nesses momentos, Rose grita. As paradas ficam mais frequentes, assim como os gritos. Finalmente paramos e a família desce. Fico parado em frente ao lugar onde as pessoas barrigudas que gritam precisam ir

e espero até que meu dono retorne.

Dois dias depois a menina volta para casa com o filhote que geme no colo. Perseu mal consegue sair de casa. A avó precisa trabalhar e os dois precisam cuidar do menino. Eu passo a maior parte do tempo solto, no campo. Foi a melhor época da minha vida.

A criança cresce, o casal a leva as consultas no postinho e aos poucos a vida volta ao normal. Meu dono e eu voltamos a ativa, saindo para trabalhar. A menina fica em casa e não volta para a escola. Certo dia recebe uma visita de um homem que lhe traz uma correspondência. Está destinada a Perseu, mas como esse não sabe ler, ela abre e faz a leitura. Quando chegamos em casa, ela sai correndo de dentro da casa em nossa direção. Mal pude parar.

– Perseu!!! A casa caiu! Você vai ter que ir ao Foro daqui quinze dias para falar com a juíza. A vó precisa ir também. – Informa Rose. A avó, nem desce da charrete e já começa uma ladainha, com aquela voz lamurienta e irritante: - Eu sabia que isso não ia ficar barato: eu avisei sobre aquelas festas, sobre como os bandidos acabam presos, o que fazem com eles na cadeia e como acabam morrendo. Agora vou ter que reagendar minhas faxinas. Se minhas patroas descobrem que tenho neto bandido nem vão querer que eu trabalhe pra elas.

– Poxa vó. Isso parece ter sido a tanto tempo! Desde que Rose veio morar com a gente eu nunca mais fui a um rolê com a galera. Passo o dia trabalhando e a noite ajudo com o pequeno. Essa coisa toda ficou pra trás. – Rebate Perseu chateado.

Passam-se quinze dias sem que nada de novo aconteça. Até que chega a data da audiência. A avó não sai para o trabalho; Perseu me deixa no campo até a hora de irmos ao foro. Todos de banho tomado, com suas melhores roupas. Mas o cheiro é de medo; Perseu pode sair de lá preso é o comentário de Rosalinda no trajeto; ela está chorosa, preocupada. Durante a audiência fico no campo ao lado do foro sob os cuidados de um rapaz que cuida carros; já o vi perto de casa. Fico tranquilo.

Duas horas depois saem todos do prédio visivelmente aliviados: – Ainda bem que tudo deu certo. – Comenta Rose aliviada – Você não será preso. Só não sei como é essa tal medida socioeducativa em meio aberto.

– Também não entendi o que é Liberdade Assistida. – Complementa Perseu. Rosalinda ainda se gaba de que meu dono ficará solto por causa dela e do bebê; ele rebate que é porque está trabalhando. Acho que Perseu me deve uma...

– Agora é esperar que as Assistentes Sociais do CREAS façam contato. – Complementa a avó – Odeio ficar na mira dessas mulheres; se preparem: agora a

vigilância vai ser constante; vão controlar como cuidam do bebê, se fazem vacina, se está aumentando de peso, se a casa está limpa, se tem comida. Se fizerem qualquer coisa errada elas tiram o bebê da família e largam em um abrigo. Além disso, vou perder dia de trabalho por causa disso.

Perseu e Rosalinda se mantêm em silêncio no restante do trajeto. Mas percebo a tensão do meu condutor através do modo como ele segura as rédeas.

Enfim, chega o dia! Até eu sou preparado para a sabatina das mulheres da prefeitura: sou escovado e alimentado e a charrete é limpa; todos almoçam mais cedo, e em seguida rumam para o bairro cruzeiro onde se localiza o tal de CREAS. Sinto cheiro de angústia no ar: eles se mantêm calados durante o trajeto e sinto cheiro de conflito entre as pessoas. O bebê está inquieto, mais do que o normal. Chora e Rosalinda não consegue acalmá-lo. Ela reclama que parece ter secado o leite das mamas “*de tanto nervoso.*”

– Logo hoje que havia agendado uma faxina na casa de D. Maria. - reclama a avó  
– Sempre que vou até lá, além da diária, recebo um sacolão de mantimentos e roupas usadas para pra gente. Não entendo por que preciso ir com vocês: afinal você já é quase um adulto; apesar da idade é pai e é responsável por boa parte do sustento da casa.

Da mesma forma Perseu questiona a necessidade de ser punido: - Eu sei que vacilei, mas parece que isso aconteceu em outra vida... minha vida não é mais a mesma. Descem da charrete e eu aguardo o retorno da família.

– Eu esperava que não demorasse tanto – reclama Rosalinda ao retornar – Afinal para que tanta conversa? Não entendi nada do que aquele homem falava.

– Era um tanto de lei disso e lei daquilo. E sobre não sair a noite? Até parece que passo a noite na rua. Além disso, a pressão de voltar para a escola. Como se fosse simples; para de trabalhar e voltar a estudar. Quem vai sustentar a casa para eu voltar a estudar? E estudar a noite, quando já estou cansado do dia, na lida, que jeito? Nunca me dei bem com professor. Eles nunca conseguiram me ensinar.<sup>37</sup> – Complementa meu dono.

– Deu vontade de levantar e sair caminhando sem rumo. Dizer que perdi uma

---

37 Os dados do PNUD (2013) apontam que o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Além disso, o mesmo documento revela ainda que o Brasil tem a menor média de anos de estudo entre os países da América do Sul com a escolaridade do brasileiro, em média, de 7,2 anos. É o que a literatura chama de fracasso escolar e é preciso deslocar esta questão para além do aluno, do professor e da escola. O constructo queixa escolar precisa dar conta da real dimensão que abarca no processo de escolarização. Leal e Souza (2014) entendem que essa queixa é conduzida como um fato relacionado, frequentemente, a problemas de aprendizagem ou a comportamentos de alunos – âmbito do indivíduo – mas que pode ser reflexo de um movimento mais amplo – âmbito do processo de escolarização – o qual envolve o cotidiano da escola e as dificuldades e contradições que compõem o mesmo.

faxina boa por causa disso. – Resmunga a avó. O bebê ainda inquieto, chora e reclama do incômodo da fralda suja.

– O pior é ter que voltar lá. Várias vezes pelo jeito. Por seis meses. Vocês viram quantos meninos? Ate o Luiz estava lá. Será que pegaram ele com o bagulho do seu Jorge? Se pegaram ele tá morto. Porque se fizerem ele falar vão matar o guri. Ele tem que ficar de bico calado. – Complementa Perseu preocupado. E assim seguem conversando sobre o que viram e o que sentiram durante o grupo. Pelo que entendi, meu dono terá de voltar lá toda terça-feira a tarde e receberá as visitas domiciliares das Assistentes Sociais. Eu escuto e rumino. Sigo meu caminho de retorno a casa. Já prevejo que farei esse trajeto muitas vezes nos próximos seis meses.

## **6 – Devir rastelo ou como a máquina socioeducativa marca o corpo adolescente**

*"[...] e qual é a sentença?', perguntou o explorador. 'Então o senhor não sabe?', disse o oficial (...). 'Nossa sentença não é severa. O comando que o condenado infringiu é escrito pelo rastelo em seu corpo. (...)'". Já não é necessário comunicar a sentença, pois ela é aplicada ao corpo do condenado; e "a culpa", explica o oficial, "[...] a culpa é sempre indubitável" (KAFKA, 2009, p. 88).*

E então leitor? Algo me diz que você, o oficial, a estagiária e o cavalo já percorreram um caminho que lhes permite conhecer um pouco do funcionamento da máquina socioeducativa. Afinal este é um dos nossos objetivos com esta escrita. No entanto, o corpo adolescente é marcado pela responsabilização e a parte da máquina Kafkiana que tem esta função, como você deve lembrar, é o rastelo. A estagiária se reconhecerá neste devir. É ela que retorna agora como parte da máquina de imputar. Deixemos que, novamente, ela nos conduza pelas trilhas íngremes e estações de descanso.

### **6.1 – Cena 1**

Tarde ensolarada. 35 graus a sombra. E aquele mormaço típico da estação. Não deveria estar quente assim. Já é final de março e suas águas deveriam ter trazido os ventos austrais que anunciam o inverno gaúcho. No entanto, nada mais opera como deveria; não existem mais certezas: a natureza reflete um desassossego, algo fora do lugar. Suando e sentindo o desconforto gerado pelo calor fora de época, a estagiária de psicologia chega para mais uma tarde de estágio no Centro de Referência em Assistência

Social (CREAS) em um bairro da periferia da cidade. O caminho não é desconhecido, já que o trilhou diversas vezes ao longo no último ano. No entanto, este dia era diferente: ela iniciaria uma nova atividade que havia surgido como uma proposta de trabalho no semestre anterior durante a elaboração do projeto de atuação junto ao seu orientador.

Na verdade, a ideia de operar um grupo junto aos adolescentes era dela, partindo de uma demanda dos profissionais do serviço, mas o método já havia sido aplicado por ele em um contexto socioeducativo diferente. Houve a adaptação cuidadosa ao contexto das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, aprovação da equipe, apresentação da proposta aos adolescentes pelos profissionais durante a elaboração do Plano Individual de Atendimento e hoje seria realizado o primeiro encontro. Não é possível saber se a estagiária suava de calor ou de ansiedade. Afinal estar entre os adolescentes, coordenando um grupo, naquele contexto, era uma novidade. Não podia deixar de ser: o devir psicóloga o exigia. Durante o trajeto lembrava o método combinado: Apresentação de um disparador para a discussão que gera uma imagem, o qual pode ser um vídeo, um poema, uma música; após lança-se a proposta de discussão; em seguida, solicita-se aos participantes que reproduzam a imagem que foi suscitada a partir do disparador, através de desenho, pintura, música, poesia. Em seguida, a partir das imagens traduzidas se inicia a discussão do tema proposto. O fechamento se dá através da construção do conceito coletivo sobre o tema inicialmente proposto.

Previamente havia sido combinado com os profissionais a infraestrutura necessária para a realização da atividade: a sala, o projetor, o computador e o lanche. Os meninos haviam sido avisados pela segunda vez por telefone. A máquina estava azeitada e pronta para operar.

– Boa tarde! Os meninos já chegaram? Pergunta a estagiária ao pôr os pés na soleira da porta, já que estudar psicologia não é garantia que se estará imune as ansiedades.

– Apenas um menino até agora. Mas eles virão. Consegui fazer contato com dez meninos – responde a secretária que lhe abre o portão gradeado, permanentemente trancado, para segurança da equipe e dos meninos.

– Tudo pronto? Pergunta o pedagogo sempre preocupado com as questões de ordem e método.

– Sim – responde a estagiária. – Apenas preciso adaptar o computador ao projetor.

– Aviso quando todos houverem chegado – colabora a secretária sempre solicita e atenciosa. – Está muito calor na sala. E não temos nenhum ventilador disponível. Serviço

público. Sabes bem como é. Garanto que na sala da prefeita opera um ar-condicionado a 20 graus... é sempre assim. Já fizemos o pedido de ar-condicionado e ventiladores, uma dúzia de vezes, no entanto atendemos gente pobre. Não precisamos desses luxos. - ironiza o pedagogo – Mas para consertar o ponto eletrônico é rápido. Basta um telefonema avisando que o mesmo não está funcionando.

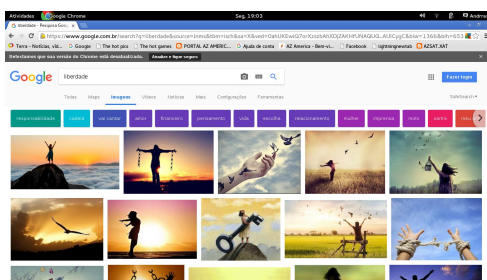
A estagiária de psicologia lembra das aulas de psicologia social e logo complementa:

– É um exemplo de uma sociedade de controle (DELEUZE, 1992). O próprio servidor dará conta do registro de sua frequência. Alias, dá conta de seu período “livre” também na medida que publica nas suas redes sociais o que sente, o que come, onde está... Já tive colegas de trabalho que receberam sanções por publicar nas redes sociais o que pensam por estar em local *impróprio* no seu tempo livre, enfim, situações nas quais voluntariamente presta conta publicamente da sua vida.

Todos calam diante de suas próprias reflexões. Num rompante a assistente social dispara:

– Não somos livres nem em pensamento. Nem em sonho.

A estagiária percebe a tensão no ar. Esta é uma questão para a equipe. Aliás, posso arriscar que é uma questão para todos nós. Você já experimentou lançar no *Google*<sup>38</sup> a palavra liberdade? Vá lá...Experimente. Clique em imagens. Se a versão do buscador se mantiver a mesma, aparecerá na parte superior da tela vários links relacionados e o primeiro é *responsabilidade*, seguido por: *cadeia, amor, financeiro, pensamento, vida e escolha*.



As imagens<sup>39</sup> representam pessoas com braços abertos, como se estivessem prestes a levantar voo. Seria a Liberdade uma espécie de alçar voo?

---

38 Disponível em:

<[https://www.google.com/search?q=liberdade&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjklprcuzbAhVRI5AKHa n2BxAQ\\_AUICygC&biw=1366&bih=653](https://www.google.com/search?q=liberdade&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjklprcuzbAhVRI5AKHa n2BxAQ_AUICygC&biw=1366&bih=653)>

39 Disponível em:

<[https://www.google.com/search?tbm=isch&q=liberdade&backchip=g\\_1:frase&chips=q:liberdade&sa=X&ved=0aUKE wjv0qmm--zbAhXEhJAKHRTLDIUQ3VYIJCgA&biw=1366&bih=653&dpr=1#imgsrc=YxsdacWakb8rVM:>](https://www.google.com/search?tbm=isch&q=liberdade&backchip=g_1:frase&chips=q:liberdade&sa=X&ved=0aUKE wjv0qmm--zbAhXEhJAKHRTLDIUQ3VYIJCgA&biw=1366&bih=653&dpr=1#imgsrc=YxsdacWakb8rVM:>)>



Mas você também deve ter ficado curioso, assim como eu. Segui tecendo esse caminho virtual em busca da liberdade e sigo a sugestão de associar à busca *Responsabilidade*, sugerida pelo buscador. Agora, surgem imagens que sugerem a ligação entre os dois conceitos: a liberdade pressupõe responsabilidade<sup>40</sup>:



No entanto, não nos afastemos tanto da centralidade da trama. Rizomas costumam se expandir e, apesar de ser guiados pelo fio de Ariadne, nossa tecitura tem um limite. O limite acadêmico.

É possível ser livre? Ser Responsável? Será que o desejo que Clarice busca não tem nome justamente por estar além da liberdade como a conhecemos? Voltemos nossa atenção para a estagiária e sua experiência com a equipe.

– Como assim Luzia? – Questiona a estagiária.

– Sim. Um andarilho é mais livre do que somos. A liberdade é inversamente proporcional as nossas necessidades. Para mim, a liberdade tem a ver com uma sensação. Com a independência. Não precisar de nada e nem de ninguém.

– Para mim, a liberdade é uma questão social. - argumenta o Pedagogo – Quanto maior nosso desejo de consumo, menos liberdade temos. E, por isso, dependendo do contexto social a liberdade pode ser um problema. Porque o meio social em que estamos inseridos pode ser um definidor de condutas que nos levam por caminhos difíceis. É só ver essa gurizada: Não tem uma família que impõe limites; não se adaptam a ambientes

---

40 Disponível em:

<[31](https://www.google.com/searchtbm=isch&q=liberdade&chips=q:liberdade,g_6:responsabilidade&sa=X&ved=0ahUKwiqko3G-zbAhWKFpAKHZfsAhEQ4lYINygA&biw=1366&bih=653&dpr=1#imgrc=O4JRwvgiU9rAuM:></a></p></div><div data-bbox=)

com regras.

– Mas Carlos, tu acreditas que os meninos escolhem não se adaptar? – Questiona a estagiária.

– Não pensei sobre isso. Responde o pedagogo distraído. – Mas a liberdade pode ser uma possibilidade de transgressão, pois burlar regras pode ser um ato de resistência, apesar de a liberdade ter limites e existir perigos que a acompanham.

– Acredito que a Liberdade só se dá em espaços de invisibilidade. Como por exemplo das pessoas que se mantêm na surdina, que não ficam publicando tudo que fazem no seu dia a dia na internet. Essas pessoas não dependem da aprovação alheia, a princípio. De certa forma, ainda não se deixaram prender por essa forma de controle. – Argumenta a Assistente Social.

– Deleuze (1992.p.217) ventilava a possibilidade de que calar, criar “*vacúolos de não comunicação*”<sup>41</sup>, poderiam ser uma forma de resistir a sociedade de controle. – Complementa a estagiária. – Onde estão os espaços de pensamento crítico da realidade? É a escola? A família? Acredito que não. Há uma demanda por espaços de reflexão do cotidiano para a construção do livre arbítrio, da liberdade. Este espaço seria a internet? Talvez. Ou não. – Que imagens lhes ocorrem quando pensam na palavra Liberdade?

– Ah...penso logo em Oportunidade. – Responde a Assistente Social – Mas poderia pensar também em Escolha, Capacitação, Contexto de vida e tempo de vida, Reflexão e Consumo.

A estagiária então lança a seguinte questão: E a liberdade assistida? É possível haver liberdade sob o olhar do Estado? O que quer dizer a palavra Assistida? O susto faz a equipe parar para pensar. Sendo a Liberdade Assistida uma das modalidades de cumprimento de Medida Socioeducativa, o que significa Assistir?

– Depende. Se pensarmos a lógica do Serviço Social, Assistir está ligado as questões de garantia de direitos<sup>42</sup>. Dar assistência é garantir que não sejam negados os principais direitos a esses meninos. No entanto, pode-se pensar também no grande Olho

---

41 Talvez a fala, a comunicação estejam apodrecidas. [...] É preciso um desvio na fala, pois que criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não comunicação, interruptores, para escapar ao controle. (DELEUZE, 1992.p.217)

42 O SINASE está diretamente vinculado ao Sistema de Garantia de Direitos (SGD) que é a efetivação da Doutrina de Proteção Integral na qual está alicerçado o ECA. Nele incluem-se princípios e normas que regem a política de atenção a crianças e adolescentes, cujas ações são promovidas pelo Poder Público em suas 03 esferas (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), pelos 03 Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) e pela sociedade civil, sob três eixos: Promoção, Defesa e Controle Social. No interior do SGD existem diversos subsistemas que tratam, de forma especial, de situações peculiares. Dentre outros subsistemas, incluem-se aqueles que regem as políticas sociais básicas, de assistência social, de proteção especial e de justiça, voltados ao atendimento de crianças e adolescentes. É nesse contexto que se insere o atendimento ao adolescente em cumprimento de medida socioeducativa desde o processo de apuração, aplicação e execução de medida socioeducativa.



do Estado, aquele que controla. O limite entre as duas concepções é tênue... - discorre.

– Fico lembrando o tempo todo da transição entre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle. Segundo Deleuze (1992.p.215)<sup>43</sup> as sociedades disciplinares, tais como descritas por Foucault (2013) estão sendo deixadas para trás. Estamos entrando em uma sociedade de controle, que funciona não mais por confinamento, como na escola ou na prisão, mas por controle contínuo e comunicação instantânea. Tanto é que estamos buscando a responsabilização destes adolescentes em um “meio aberto”, através de um monitoramento a distância, como nas visitas domiciliares. Hoje, percebemos a sociedade de controle funcionando a todo vapor. Sendo assim, imagino que as duas concepções de “assistir” possam estar vinculadas a uma forma de estar permanentemente de olho no que os *guris* andam fazendo. Da mesma forma, garantir direitos está vinculado com deveres, que precisam ser cobrados. Por exemplo: Uma mãe só recebe o benefício bolsa família se as crianças estiverem frequentando a escola e estiverem com a vacinação em dia. Assim, se busca controlar a evasão escolar e a taxa de vacinação dessa população através de um benefício social. Então a mãe da periferia não é livre para decidir se vacinar seu filho é útil ou não para o seu desenvolvimento saudável. Para ela, neste momento, é obrigatório. Não estou questionando a eficácia das vacinas; mas a vinculação das mesmas ao benefício social. – Complementa a estagiária.

E assim se passam mais de 45 minutos sem que os profissionais e a estagiária percebessem que os meninos não haviam chegado para o grupo no horário estipulado. O relógio marcava 14:15 e apenas 1 menino aguardava na recepção. Não é preciso dizer que após meia hora de atraso, às 14:30, a estagiária estava muito frustrada. Convida o único menino para conversar sobre a proposta e tem vontade de desistir de tudo ao ver o pouco interesse que ele manifesta. No entanto, ele se compromete em vir na próxima semana e em falar com os meninos que não vieram; afinal os conhece dos “rolês” na “Gonçalves”. A estagiária explica que também está “*cumprindo horas*” pois, para obter o diploma de psicóloga, precisa *cumprir* o estágio. Com isto busca uma espécie de empatia; o dispensa combinando o próximo encontro.

Ao acompanhá-lo até a porta, observa que ele conduz uma charrete. Pensa: Pobre cavalo... O calor, os maus tratos, enfim, todas as adversidades a que esses animais são expostos no dia a dia pelos condutores. Além disso, atrapalham o trânsito na cidade. Não há uma habilitação específica para conduzir charretes, haja vista que esse menino tem

---

43 As sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando em uma sociedade de controle, as quais funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea (DELEUZE. 1992.p.215).

apenas 14 anos. Isto pode colocar pessoas em risco.

Ao se perceber sozinha na sala, observa o quanto de resistência acontece neste movimento; se o PIA<sup>44</sup> deve ser construído com os meninos, é possível que eles tenham apenas aceitado a sugestão do profissional; ou seja, foi-lhes imposto o grupo como forma de se responsabilizar pelo ato infracional cometido. Ela se questiona se é possível responsabilizar alguém por seus atos. As medidas socioeducativas servem, como sugere o SINASE (2012) para responsabilizar? O que, efetivamente, fazem as medidas socioeducativas quando tentam responsabilizar um adolescente?

Lembra das leituras realizadas no grupo de pesquisa “vida que vem” discutidas entre seus colegas e Silva, o coordenador do grupo. O que os meninos entendem disso? – Veremos, se o grupo decolar – pensa a estagiária em voz alta.

## 6.2 – Cena 2

Terça-feira. 13:30 horas. O calor e o mormaço ainda se fazem sentir. Sala preparada. Áudio e vídeo ajustados. A estagiária repassa o planejamento do grupo:

Momento I: Busca de empatia. Apresentação dos participantes. (TEMPO: 5min)

Momento II: Expor os objetivos deste primeiro encontro. (TEMPO: 5min)

Momento III: Vídeo. <http://videoliberalidade.blogspot.com.br> (TEMPO: 6min)

Momento IV: Desenho (Tempo: 10min)

Momento V: Proposta de Discussão: (TEMPO: 10min)

Momento VI: Fechamento: (Conceito escrito no papel pardo) (TEMPO:4min)

Momento VII: Proposta para a próxima semana (TEMPO: 5min)

Momento VIII: Encerramento: (TEMPO: 5min)

Repassada a dinâmica, eis que chega a hora de chamar os meninos. O horário combinado foi 14:00. Combinado não: a estagiária e a equipe entendem que é um bom horário para iniciar a atividade e repassam aos meninos o que foi estabelecido. O

---

44 A elaboração do Plano Individual de Atendimento (PIA) constitui-se numa importante ferramenta no acompanhamento da evolução pessoal e social do adolescente e na conquista de metas e compromissos pactuado com esse adolescente e sua família durante o cumprimento da medida socioeducativa. A elaboração do PIA se inicia na acolhida do adolescente no programa de atendimento e o requisito básico para sua elaboração é a realização do diagnóstico polidimensional por meio de intervenções técnicas junto ao adolescente e sua família, nas áreas: Jurídica: situação processual e providências necessárias; Saúde: física e mental proposta; Psicológica: (afetiva/sexual) dificuldades, necessidades, potencialidades, avanços e retrocessos; Social: relações sociais, familiares e comunitárias, aspectos dificultadores e facilitadores da inclusão social; necessidades, avanços e retrocessos. Pedagógica: estabelecem-se metas relativas à: escolarização, profissionalização, cultura, lazer e esporte, oficinas e autocuidado. Enfoca os interesses, potencialidades, dificuldades, necessidades, avanços e retrocessos. Registra as alterações (avanços e retrocessos) que orientarão na pactuação de novas metas. A evolução ou crescimento pessoal e social do adolescente deve ser acompanhado diuturnamente, no intuito de fazê-lo compreender onde está e aonde quer chegar e seu registro deve se dar no PIA. (SINASE,2012,p.52)

resultado dessa arbitrariedade não tarda a se mostrar. Apenas dois meninos comparecem. A estagiária respira fundo: pensa no quanto tem vontade de largar tudo. No entanto, põe um sorriso no rosto e os convida para a seguirem até a sala.

– Muito bem meninos. Sejam bem-vindos. Meu nome é Ariadne, sou estudante de psicologia, estou aqui, como vocês “cumprindo horas”. Que tal nos apresentarmos? Saber quem é quem por aqui? – Inicia a estagiária, como programado.

– Meu nome é Perseu. Tenho 14 anos. – Responde o único menino que havia estado na semana passada.

– Que bom que tu retornastes! – Reforça a estagiária.

– Meu nome é Toas – Responde o menino risonho – Tenho 16.

– Muito bem. Agora que nos conhecemos um pouco posso iniciar...

A estagiária é interrompida pela secretária, que introduz mais um menino no grupo:

- Desculpe pela interrupção. Esse menino chegou atrasado. Como é o primeiro grupo ele pode entrar?

– Claro que sim. Tu podes te apresentar para os demais? – Propõe a estagiária.

– Meu nome é José – Começa o menino – Tenho 18 anos. Me atrasei e peço desculpas.

– Acho que podemos começar combinando que não haverá novos atrasos – Ralha a estagiária pensando na sua programação e no tempo para o grupo. – Meu nome é Ariadne, sou estudante de psicologia – Gostaria que os outros meninos se apresentassem à José.

Em seguida Perseu e Toas voltam a se apresentar.

Ariadne reinicia o planejamento: - Agora que já... – É interrompida mais uma vez.

– Mil desculpas – Solicita o Pedagogo – Mas Luiz chegou neste instante.

– Eles não foram avisados sobre o horário? – Responde rispidamente Ariadne, indignada com o rumo das coisas. – Fica muito difícil cumprir a programação dessa forma. Já se passaram 20 min. Não terei tempo para desenvolver o grupo. Assim não é possível!!! Vamos parar por aqui. Me aguardem um pouco. Eu retorno em um minuto.

A estagiária saí da sala furiosa. Como ousam se atrasar? E como a equipe interrompe e permite a entrada dos meninos com tamanho atraso? Ela vai até o Pedagogo e dispara:

– Não farei o grupo hoje. Eles precisam aprender que o horário marcado é um compromisso comigo e com os demais colegas que não se atrasaram.

– Tu é que sabes – Responde o Pedagogo com calma – Mas precisas ter em

mente que estes meninos moram longe. Que não temos vales-transporte para fornecer. E que muitos vieram a pé, sem almoçar. Quem sabe tu tentas descobrir o que aconteceu?

Ariadne retorna ao grupo envergonhada de seu rompante. Como ela pretende desenvolver um grupo, cuja temática é a construção de um conceito de Liberdade, se não consegue ser flexível com os horários?

– Gostaria de conversar um pouco sobre uma proposta de construção de um horário de início para o grupo. Vocês perceberam o quanto eu me perturbei com o atraso? Há uma série de atividades que pretendo desenvolver com vocês, mas para isso dar certo preciso iniciar com todos aqui presentes e sem interrupções. Gostaria que cada propusesse um horário para iniciarmos e terminarmos o grupo. Vocês acharam cedo demais as 14:00?

– Saio do trabalho as 12:00. Preciso ainda almoçar e caminhar até aqui – Argumenta Toas – Acredito que 14:30 seria um bom horário para iniciarmos.

Ariadne questiona os demais meninos. Todos concordam com a proposta.

– Outra questão de ordem: o que faremos com os que se atrasarem? Permitiremos seu ingresso ou ficarão de fora, com falta? Questiona a estagiária.

– Penso que teriam uma tolerância de 5min. Depois veríamos caso a caso o porque do atraso. – Sugere Perseu.

– Certo – Concorda a estagiária – espero que estejam todos de acordo. A partir da semana que vem quem estiver atrasado precisará se justificar diante do grupo, que definirá se permite ou não sua presença. Por hoje penso que não seja possível desenvolver nenhuma tarefa. Portanto solicitarei o lanche e vocês estarão dispensados.

Quando o último menino sai a estagiária se vê sozinha com seu diário de campo. O que escrever sobre hoje? Ela se questiona. Novamente a docilização dos corpos vem a tona e se percebe capturada, como agente socioeducativo. Como não cobrar horários? Como fugir da captura do sistema? Como executar o que foi programado mesmo com interrupções? – Preciso conversar com Silva – Pondera ao lembrar do seu supervisor acadêmico.

As leituras tomam forma na sua memória, principalmente a introdução a uma vida não fascista de Foucault (1977). É preciso desativar os fascismos diários, aqueles pequenos, que surgem em momentos como esse, em que percebemos o acoplamento à máquina fascista.

[...] fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora. (FOUCAULT, 1977)

Assim, algumas advertências Foucaultianas se fazem necessárias nesse momento: é preciso, de alguma, forma espreitar “os traços mais ínfimos do fascismo nos corpos.” (FOUCAULT, 1977). É o que, de certa forma, o movimento que a estagiária faz ao rever o dia.

O questionamento de Foucault (1977) é muito pertinente: Como fazer para não se tornar fascista mesmo quando (sobretudo quando) se acredita ser alguém que pretende discutir um sistema de Leis e práticas? Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Neste caso, principalmente, como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento? Foucault (1977) nos adverte: “O indivíduo é o produto do poder. O que é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação, o deslocamento e os diversos agenciamentos. O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”.

O fascismo está incrustado em nosso comportamento; talvez seja necessário desterritorializar e reterritorializar a todo instante, a fim de perceber o ponto cego, ou “[...] aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas” (FOUCAULT, 1977). Parece que a estagiária inicia este movimento ao repensar a atividade. E você leitor? Percebe o fascismo de cada dia se manifestando, tomando forma e se acoplado no seu corpo, no seu discurso e na sua leitura?

### 6.3 – Cena 3

Terça-feira. 14:00. A estagiária olha para o céu encoberto, que ameniza a sensação térmica de 35°. – Seria bom que pudesse fazer o grupo em um parque. – Pensa. No entanto, afasta rapidamente o pensamento, já que sair com os meninos demandaria um esforço imenso. Teria que pedir licença para a equipe, mobilizar um profissional que a acompanhasse. Mas a ideia permanece e a encanta. – Uma deriva. Será que os meninos curtiriam? Se questiona no mesmo momento em que aperta a campainha no serviço.

Ao chegar, vai direto para a sala para ajustar os equipamentos. Computador ligado e conectado no projetor; cadeiras organizadas em semicírculo. Folhas de papel e canetas coloridas espalhadas pela mesa. – O lanche já chegou? – Pergunta à secretária.

– Infelizmente hoje não teremos lanche. Os cupons para solicitação a empresa terceirizada não foram entregues e poderemos disponibilizar bolachas e suco. É o que a

gestão nos envia. Responde a secretária com um que de “*sinto muito*”. – É uma pena. Muitos desses meninos vem para o grupo sem almoçar. – Complementa.

A campanha toca. A movimentação de meninos começa. Um. Dois. Três. Aos poucos vão chegando. A estagiária aguarda ansiosa o horário combinado de iniciar.

14:30. Hora de abrir a cortina. O espetáculo vai começar!

– Boa tarde! Sejam todos bem-vindos! Hoje começaremos um trabalho que espero ser muito prazeroso para todos nós! Gostaria de me apresentar para os que ainda não me conhecem: sou Ariadne, estudante de psicologia da UFPEL. Estou cumprindo horas de estágio e gostaria que vocês primeiramente se apresentassem. – Introduz a estagiária.

Eram sete meninos. Alguns você já conheceu na cena anterior: Perseu, Toas, Luiz e José. Marcos, Paulo e César eram os novatos. Continuemos acompanhando a estagiária:

– A proposta que tenho para vocês é a seguinte: Tenho alguns objetivos para esse momento: o primeiro deles é que eu cumpra as minhas horas obrigatórias de estágio em psicologia; o segundo, é proporcionar uma atividade em que vocês também possam cumprir com os compromissos diante da medida socioeducativa imposta. Gostaria de deixar claro que essas “*obrigações*” podem ser prazerosas para ambas as partes. Assim pensei, juntamente à equipe que cuida de vocês, em um grupo na qual poderíamos ter a oportunidade de discutir assuntos que fossem pertinentes a ambas as partes. Gostaria que funcionasse da seguinte forma esse primeiro encontro: vou colocar um vídeo para assistirmos. Após lançarei um tema para que possamos pensar juntos e desenhar. Não será sempre assim. Para a semana que vêm, vocês poderão propor o tema e sugerir um vídeo. Tudo bem pra vocês até aqui?

Todos concordam a princípio, mas sem entusiasmo. A estagiária vai até o computador, busca o *link*<sup>45</sup> e aciona o vídeo. Os meninos que estavam dispersos fixam o olhar na tela. Algo chama a sua atenção. São os meninos que, como eles, encenam e cantam um *rap* falando sobre liberdade em um cenário que lembra uma prisão. Após o término do vídeo a estagiária propõe:

---

45 Resultado do projeto “O Vídeo-arte como Dispositivo de Inclusão Social”, idealizado e produzido pelo Ipena (Intervenções e Pesquisas Nômades S.A.) direcionado aos adolescentes que cumprem medida socioeducativa no CIP – Centro de Internação Provisória, de Blumenau. Entre março e agosto de 2008, cerca de vinte adolescentes participaram das atividades. Instrumentalizados com oficinas de roteiro e direção de cena, ministradas por Édio Raniere, e com oficinas de fotografia, confecção de máscaras e filmagem, por Charles Steuck, os adolescentes realizaram seu próprio vídeo arte. O vídeo “Liberdade” teve elaboração de roteiro, a operação de câmera, criação da letra e da música, a atuação e a confecção de máscaras integralmente realizadas pelos adolescentes. O filme contou ainda com a produção musical de Paul Manfred, edição de Édio Raniere e finalizações de Lílian Döring. (videoliberalidade.blogspot.com/, 2018)

– Como eu havia anunciado, gostaria que cada um de vocês desenhasse, grafitasse e/ou escrevesse no papel pardo que está na mesa de que maneira o vídeo afetou vocês quanto ao significado da palavra liberdade. Usem as canetas coloridas.

– Mas dona, eu não sei desenhar! – Protesta Toas.

– Que saco! – Bufa Luiz – Nem sei o que é pior! Se é lavar privada em escola ou vir pra cá e ficar perdendo tempo.

– Gente!!! – Tenta conciliar a estagiária – Vamos experimentar! Não espero que ninguém desenhe com perfeição, embora alguns talentos tenham sido descobertos em momentos como este! Só preciso que vocês coloquem no papel pardo uma imagem que represente como o vídeo afetou vocês! Depois conversaremos sobre isso. Se vocês não se sentirem a vontade desenhando poderemos combinar algo diferente para a semana que vêm. Mas hoje gostaria que vocês experimentassem! Prometo que não irá doer tanto assim como vocês pensam...

Timidamente, os meninos foram levantando das cadeiras e se aproximaram da mesa. As canetas começaram a tomar vida nas suas mãos. Assim se passaram os próximos 15 minutos com o som do riscado no papel. Aos poucos os meninos vão largando as canetas. A estagiária aguarda até o último menino finalize a atividade para propor a discussão:

– Agora gostaria que cada um de vocês falasse um pouco sobre o que sentiu durante o vídeo e sobre o que desenhou.

Os meninos novamente se sentem desconfortáveis diante da proposta. No entanto, diante do silêncio que se fez em seguida, Toas toma a frente e dispara:

– Se é pra pensar em liberdade, logo penso na dificuldade. Dona... quero poder sair de casa sem medo do patrão nem dos porcos. Minha casa fica no fim da rua e para sair da zona eu preciso passar por todos que estão vigiando a quebrada. Pego o ônibus e, se eu tiver sorte, em meia hora chego na casa da “guria”, porque os porcos têm parado os ônibus no caminho e revistado geral; isso não é liberdade.

– Pois é Toas... A liberdade de um termina onde começa a do outro. Cresci ouvindo isso da minha avó – Testemunha Perseu.

– Acho que a gente não tá falando aqui só da liberdade de ir e vir, que de certa forma, está assegurada como direito na constituição. Mas isso não está se aplicando no teu caso Toas, né? – Contribui a estagiária.

– Para mim, liberdade é poder decidir minha vida. – Dispara Marcos – Poder escolher o que eu quero fazer. Meu pai quer que eu estude um curso técnico. Quer que

eu trabalhe logo. Eu quero estudar geografia. Eu sou bom nisso.

– Todos querem que a gente trabalhe logo. Nem dá tempo de pensar no que a gente quer. – Reclama Paulo. – Não tem muita opção: ou trabalha ou estuda.

– Queria pegar a mochila e sair sem rumo. Isso pra mim é liberdade. Deixar tudo pra trás.



Neste momento, Leitor, convido para uma pausa reflexiva: o que parece ser liberdade para esses meninos tendo como base o diálogo que acompanhamos? Onde está o constructo liberdade nessas falas? Penso que em todas. E em nenhuma. E ainda questiono: Será que há possibilidade de liberdade para alguém? O desejo dos meninos perpassa pelos direitos que deveriam ter sido assegurados pelo estado. Onde está a segurança para que se possa ir e vir? Onde está a ética de não pré julgar a pessoa pela sua cor e pelo lugar onde mora? Não é de se admirar que esses meninos desejem “*pôr a mochila nas costas e deixar o mal tempo atrás*”. No entanto, acredito que nem tudo está perdido. A possibilidade deste grupo operar, ter condições de possibilidade, já é um devir liberdade, no sentido que se propõe discutir essas questões, fugindo da prescrição de responsabilização imposta no SINASE; Fugindo das propostas de consertar a vida desses adolescentes; de vigiar suas condutas; de prescrever um modo de vida para que “*dê certo*”. Que dê certo para quem? E o que é “*dar certo*”?

Sigamos ouvindo as falas dos meninos; agora é Luiz quem toma a palavra:

- Sabe dona... tô cansado de procurar emprego. Logo descobrem que fiz coisas e me mandam embora, ou então me humilham, ficam escondendo as coisas com medo que eu roube. Eu sinto isso. Daí eu passo em frente a uma lotérica e vejo que é só entrar e sair com a grana. Fácil assim. Tá foda.

Esta fala, entre muitas outras, faz pensar que um modo prescritivo de



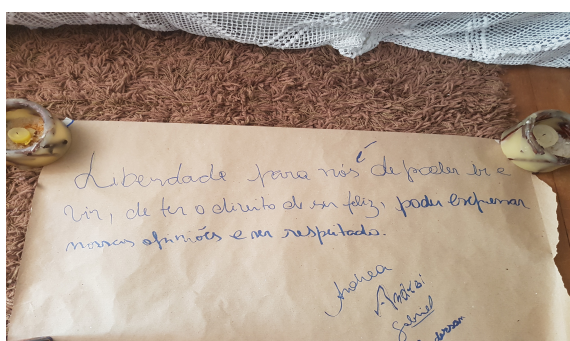
comportamentos adequados e de metas a serem cumpridas não serão de utilidade nessa circunstância, diferentemente do que pretende o sistema socioeducativo. Pode-se perceber nestas falas um protesto contra o sistema molar, aquele sistema que hoje cobra, impõe demandas e que não pode dar condições de possibilidade para que as potencialidades desses meninos venham a ser.

Olhando nos olhos desses meninos a estagiária se pergunta: rachaduras microscópicas, tais como a proposta deste grupo, em um sistema alinhado ao paradigma de consumo e de cobrança de responsabilidades pela crença no livre arbítrio serão suficientes para criar momentos que propiciem bons encontros, capazes de solucionar o problema da infração adolescente, tal como o SINASE o vê?

A estagiária já não sabe o que falar. Sente-se impotente diante dos relatos. Como pensar um conceito de liberdade. E para que afinal precisa de um conceito? Está claro o que os meninos desejam: inserir-se no mundo, na sociedade de consumo. Pertencerem a um contexto. Ao mesmo tempo, liberdade para a equipe talvez esteja distante do significado de liberdade para os meninos, no sentido da possibilidade de fugirem dos acoplamentos maquínicos que tornam todos capturados pela máquina capitalística. Em que sentido o conceito de liberdade está agenciado à máquina capitalística?

Com este pensamento, ela se sente mais segura em prosseguir com o planejamento:

– Muito bem. Agora que colocamos nossas ideias no papel e as discutimos, gostaria de propor para o fechamento desse primeiro encontro uma tentativa de consenso do que significa liberdade para o este grupo naquele momento; buscamos pontos em comum. Será que fica bem assim?



– Aí. Acho que diz um pouco de tudo. – Tenta sintetizar Paulo.

– Certo! Para fechar, gostaria de discutir o próximo encontro; vai funcionar diferente. Estou passando a “bola” para vocês. O que vocês gostariam de fazer?

Silêncio... Após alguns segundos a estagiária propõe:

– Poderíamos abordar qualquer assunto. Sugiram. Mas todos precisam concordar

com a temática. Teremos outras oportunidades em que vocês poderão sugerir também, então todos poderão ser contemplados. Alguém pode trazer um vídeo, uma música para disparar o tema? Gostariam de trabalhar com quais materiais? Argila? Tinta? Papel? Colagem? A dinâmica será a mesma, o que muda são o tema e os materiais que vocês proporem.

O tempo para o grupo acaba sem que os meninos façam nenhuma sugestão. A estagiária solicita o lanche. A secretária traz as bolachas e o suco e os meninos reagem com um sonoro *Ahhhhh* de desaprovação. Esperavam o cachorro quente da semana passada. A estagiária explica que esta semana não foi possível, mas que pensará em algo mais substancial para a semana que vem. – Quem sabe um bolo de chocolate? – Propõe. Os meninos a olham com desconfiança. Mas uns sacodem os ombros, outros reviram os olhos. E assim a estagiária se despede dos meninos no primeiro grupo.

Na semana seguinte, a estagiária tenta algo diferente: instala o equipamento e deixa a página do *youtube* aberta; Os meninos chegam e se instalam no semicírculo proposto. No entanto, como não houve nenhuma proposta na semana anterior, a estagiária convida que alguém sugira um vídeo ou música para iniciar o encontro e que também sirva de disparador para a discussão posterior.

Alguns minutos vazios e tensos se passam até que um dos meninos levanta, vai até o computador e sugere um videoclipe de um artista brasileiro, Johnny Hooker, *Amor Marginal*<sup>46</sup>, o qual suscita várias discussões como a questão homoafetiva, a arte, e os atravessamentos que constituem esses meninos a partir desses temas. As questões de gênero e a homossexualidade masculina são discutidas. O machismo está presente em todas as falas:

– Se eu tivesse um filho assim colocaria para fora de casa – Explode Toas.

– A rua é muito violenta. Seu filho ficaria exposto a todo tipo de dor e necessidade. Pensem na relação com os pais de vocês. O que vocês gostariam que melhorasse nesta relação? – Provoca a estagiária.

– Eu não tenho pai. Minha mãe troca de marido frequentemente. Gostaria que ela fosse como a minha avó. Mais normal. Mas acho que ela não expulsaria um filho por ele ser gay. – Expõe Paulo.

– Minha mãe também não. – Concorda Luiz.

E assim eles seguem discutindo sobre gênero, arte, família e preconceitos. A

---

46 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qe713DXVF8k>>

estagiária acompanha. Em seguida ela lembra da performance de Nei Matogrosso<sup>47</sup> nas suas apresentações e resolve mostrar aos meninos como uma espécie de experimento genealógico da expressão artística da androgenia trazida nos dois vídeos. A discussão segue e nem estagiária e nem meninos percebem que o tempo acabou. O bolo de chocolate feito pela estagiária é compartilhado entre piadas e risadas.

Os encontros seguintes foram sendo construídos em um formato que se aproxima da autogestão, pois que a cada encontro são discutidos os atrasos, os temas, os conceitos a serem produzidos. Fora estabelecido a confiança e o vínculo entre os integrantes do grupo. O grupo é batizado: Oficina de Ideias.

#### 6.4 – Cena 4

Passaram-se alguns meses desde que deixamos a estagiária e os meninos dividindo o bolo de chocolate e as risadas. Neste intervalo foram estreitando os laços, construindo conceitos e destruindo certezas. Encontramos a estagiária agora com Silva, o supervisor acadêmico.

– Gostaria de sair com eles. Procurar um lugar, ao ar livre. Propor uma atividade que envolva movimento. – Sugere a estagiária

– Acho potente. Mas terás que convencer a equipe. – Pondera Silva.

– Acredito que isso não será um problema. Já lancei a ideia à coordenadora do serviço e ela se comprometeu em levar à equipe na próxima reunião. Creio que amanhã terei um posicionamento e poderei me organizar. – Planeja a estagiária. – Os meninos estão dispostos. No último grupo levei a eles a proposta e a mesma foi bem recebida.

No outro dia vem a confirmação da equipe. Uma assistente social acompanhará a estagiária na deriva. Inicia-se o planejamento: Qual atividade poderia ser desenvolvida? A estagiária pensa na possibilidade do futebol. Não. Algo mais visceral. Em meio as árvores. Slackline<sup>48</sup>? Sim! A estagiária vibra com a ideia. O equipamento é fornecido por uma colega de faculdade. Tudo acertado, chega a terça-feira.

---

47 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BWlBbCRPBMg>>

48 Slackline é um esporte de equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite ao praticante andar e fazer manobras por cima. O esporte iniciou-se em meados dos anos 1980 nos campos de escalada do Vale de Yosemite, USA. Os escaladores passavam semanas acampando em busca de novas vias de escalada e nos tempos vagos esticavam as suas fitas de escalada, através de equipamentos, para equilibrar-se e caminhar. O Slackline, também conhecido como corda bamba, significa “linha folgada” e pode ser comparado ao cabo de aço usado por artistas circenses, porém sua flexibilidade permite criar saltos e manobras inusitadas. Com apenas uma catraca de tensão e fita de 15 metros de comprimento e 5 cm de largura facilita a montagem sem precisar de nenhum equipamento adicional.

– Boa tarde! O dia está perfeito para a nossa deriva! – Cumprimenta a estagiária com empolgação. – Todos prontos?

Os meninos já a aguardavam no CREAS. – Prontos? Para o que? – Questiona Luiz sempre com medo do que poderia ser proposto.

– Para o nosso passeio. Vamos até o parque da Baronesa para uma atividade ao ar livre. – Responde a assistente social que acompanharia o grupo.

– A pé? – Pergunta Toas.

– Sim!! É a duas quadras daqui. Tranquilo. – Responde a estagiária.

E assim iniciam a deriva. Tudo fica estranho a partir da porta. Os meninos se deslocam aos pares, olhando para os lados; a estagiária forma par com a assistente social. Esta última também como que procura um inimigo oculto em cada esquina. A estagiária não se contém e questiona:

– Qual é o problema? Vocês caminham como se estivessem em uma zona de guerra!

– Que exagero! Mas sim. Há uma preocupação. Estamos com os meninos fora do ambiente protegido do CREAS. Somos responsáveis pela sua segurança. E aqui estamos expostos e fragilizados de certa forma. Muitos meninos que acessamos estão sob a mira dos traficantes. Já aconteceu de irem ao serviço, escoltados por outros integrantes da sua facção. Então não sabemos se estamos seguros. – Esclarece a assistente social. – E a preocupação não é só com a segurança dos meninos...

A estagiária agora também entende a tensão dos meninos e se pergunta se teria sido uma boa ideia organizar esta deriva. Enquanto tem este pensamento, vê que Toas invade o parque por uma fresta entre o muro e a grade. Os outros o seguem. Parecem aliviados de estarem fora da rua. Entre as árvores eles parecem a vontade. Relaxam e conversam entre si, acendem cigarros, voltam a ser os mesmos do grupo no CREAS.

– Quem me ajuda com o Slackline? – Solicita a Estagiária – Estou com dificuldades de acertar isto.

– Quem vai subir nisso? – Questiona Luiz

– Nós mané – Responde Toas.

– Nem pensar! Eu é que não vou pagar um mico desses. – Protesta Paulo

– Sem problemas meninos! Se vocês não se garantem, eu vou! – Desafia a estagiária, que já está tirando os calçados. Em seguida solicita: - Alguém pode me dar a mão? Não sei se consigo dar conta de subir.

Imediatamente Perseu vem ajudá-la. E a estagiária começa a andar pela corda

bamba.

– Sabe gente. Eu acredito que a vida seja uma espécie de corda bamba. Difícil de se manter na linha. Equilibrada. Acho que só conseguimos atravessá-la se contarmos uns com os outros. Sendo capazes de pedir apoio. Tendo uma mão para segurar. Levando um tombo ou outro. Levantando e seguindo em frente.

Enquanto fala, chega a outra extremidade. Os meninos a observam. Mas não fazem nenhum comentário. Ela pula para o chão. Luiz se aproxima e já vai tirando o calçado. E justifica:

– Se ela consegue eu também consigo! – E sobe com muita facilidade sobre a corda. O equilíbrio é péssimo. Quase cai. No entanto, outro menino o ajuda. A estagiária se oferece para lhe dar a mão. Ele aceita. Todos interagem gritando e rindo. Alguns tentam a sorte na corda. Outros apenas assistem. E assim a tarde passa. Sem pressa. É a despedida.

## Considerações Finais

Aquilo que se constituiu como problema e disparou a escrita, ou seja, a disponibilidade do porvir, parece ser a falsa premissa que possibilita colocar a máquina socioeducativa em funcionamento e com isso a responsabilização do adolescente através das medidas socioeducativas.

No mesmo fluxo inventivo de escrita, imerge a vontade de imputar, que parece estar na micropolítica dos corpos e maquinarias que compõe o sistema socioeducativo brasileiro. Não é algo explícito: a dissecação deste corpo sem órgãos a põe descoberto. Paira como um fantasma tanto no nível Molar quanto Molecular, perpassando todo o contexto socioeducativo, desde a legislação até a execução das Medidas. Uma questão que permanece é: como desativar, ou criar rachaduras na maquinaria socioeducativa que sejam capazes de amenizar a marca da punição que se inflige nos corpos adolescentes neste contexto?

É possível que a implicação da Universidade no contexto Socioeducativo, bem como a criação de espaços de discussão nos quais se tornem explícitos estes acoplamentos possam ser úteis. No entanto, nosso objetivo aqui não foi apontar soluções para o problema, muito menos indicar fórmulas para que se possa lidar com ele, mas tentar entender como ele opera através do fluxo dos devires.

O grupo Oficina de Ideias permanece em atividade sob a coordenação dos novos estagiários. Os meninos terminam de cumprir a medida e outros o substituem; alguns retornam. É a vida que vem. Que segue. Nossa tentativa, a partir do grupo, foi de construir um espaço de fala e escuta agenciado pelas artes, no qual é possível uma abertura para discussão de assuntos relacionados as questões de infração e ilegalidade, as quais poderão estar implicadas na dificuldade de se construir um modo potente de vida. Ou não. E estes meninos nos mostraram que não existe uma só forma de produzir sentido a respeito disto. E aprendemos com eles.

## Referencias

BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 13ª ed. São Paulo. Atlas, 2006.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Caderno de Orientações Técnicas**: Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília (DF): 2010.

CALVINO, I. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.274p.

COSTA, L.B. **Ainda escrever**: 58 combates para uma política do Texto. São Paulo: Lumme Editor, 2017. 74p.

CORRÊA, M. D. C. Deleuze, a lei e a literatura. **Prisma Jurídico**, v.10, n.2, 2011, pp. 471-487.

DATASUS (Brasil). **Sistema de Informação de Mortalidade**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10uf.def>>. Acesso em: 20 mai 2017.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34. 2 Ed. 2011.208p.

DELEUZE, G. **Conversações**, 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34. 1992.232p.

DELEUZE, G. **Dois Regimes de Loucos**: Textos e Entrevistas (1975-1995). Trad. Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34.2016.448p.

DELEUZE, G.,GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34. 2 Ed. 2011.560p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. v.1.1ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

FONSECA, T. M. G. et al . O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1,Apr.2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão.41 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. Introdução a uma vida não fascista. Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Anti-Edipus**: Capitalism and Schizophrenia, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em:<<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>> Acesso em: 10 fev 2018

GUARESCHI, N.M.F.; AZAMBUJA, M.A.; HUNNING, M. **Foucault e a psicologia na**

**produção do conhecimento.** Porto Alegre: EDIPUC, 2014.179p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010.** Disponível em:<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431440&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 16 mai 2017.

KAFKA, F. **O veredicto e Na colônia Penal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.84

KIRST, P. G., GIACOMEL, A. E., RIBEIRO, C. J. S., COSTA, L. A., ANDREOLI, G. S. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Orgs.). **Cartografias e devires: a construção do presente.** PORTO ALEGRE: UFRGS, 2003. p. 91-101.

LEAL, Z.F.R.G.; SOUZA, M.P.R. O processo de escolarização e a produção da queixa escolar – uma relação antiga, um problema atual. In: Leonardo, N.S.T.; Leal, Z.F.R.G.; Franco, A. F.(Org.). **O processo de escolarização e a produção da queixa escolar: reflexões a partir de uma perspectiva crítica em psicologia.** MARINGÁ: Eduem, 2014. p.19-40.

MARASCHIN, C; RANIERE, E. Bricolar. FONSECA, T.M.G.; NASCIMENTO, M.L.; MARASCHIN, C.(Org.) **Pesquisar na Diferença:** um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015. pp. 41-44.

MDS. **O que é o CREAS?** Disponível em: <<http://mds.gov.br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protecao-social-especial/creas-centro-referencia-especializado-assistencia-social/creas-institucional>> Acessado em: 15 nov de 2015.

NEVES, C.A.B. Desejar. In: FONSECA, T.M.G.; NASCIMENTO, M.L.; MARASCHIN, C. (Org.) **Pesquisar na Diferença:** um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015. pp. 69-71.

NIESTZCHE, F. **Genealogia da Moral:** uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIESTZCHE, F. **A Gaia Ciência.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PELOTAS. Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social. **Projeto Pedagógico.** Serviço de Orientação e Acompanhamento a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa em meio Aberto de Liberdade Assistida e Prestação de Serviço à Comunidade. Pelotas, 2009.

PELOTAS. Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social. **Plano Municipal de Atendimento Socioeducativo do Município de Pelotas - RS Vigência 2014 a 2023.** Pelotas, 2014.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 12.594,** de 18 de Janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Brasília, 2012.



PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2013**: A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado. PNUD: 2013.

RANIERE, E. **A invenção das medidas socioeducativas**. 2014. 196f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional. ) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional , Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

SILVA, A.E. Maquinar. In: FONSECA, T.M.G.; NASCIMENTO, M.L.; MARASCHIN, C.(Org.) **Pesquisar na Diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015. pp. 153-155.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2016**: Homicídios por Armas de Fogo no Brasil. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf)> Acesso em: 20 mai 2017